



~~Casa  
Gab.  
Est.  
Tab.  
N.º~~

*Fac. Letras*



Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras



1317808653

DE LOS PEDRA RIBES

Sara F  
4  
4

VIRTUOSA VIDA,  
E  
SANCTA MORTE  
DA  
PRINCESA  
DONA IOANNA:  
REFLEXOES  
MORAES, E POLITICAS  
SOBRE SUA  
VIDA, E MORTE

DEDICADAS  
AO CONDE DE VILLAR MAIOR  
Do Conselho de S. A.  
Seu Gentil-homem da Camera,  
E  
Veador da Fazenda.

POR  
D. FERNANDO CORREADE LA CERDA  
Indigno Bispo do Porto.

LISBOA. Com as licenças necessarias.

Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello  
Impressor da Casa Real. Anno 1674.

A custa de Miguel Manescal, Mercador de livros de S. A.



Sala	CE
Est.	6
Tab.	6
N.º	22

*Handwritten signature and red number 7889*

MIRIAMOSA VIDA

SANCTA MORTE

BRITANNICA

DOMINIONA

RELEXOR

NOVAE POLITICAE

LIBERUM

INSTRUMENTUM

EDUCANDUM

AD COMITIBUS VILLAE MAIORIS

DE COMITIBUS S. A.

DE COMITIBUS S. A.

~~...~~

~~...~~

~~...~~

~~...~~

~~...~~

~~...~~

~~...~~

# DEDICATORIA.



REVERENDO por devção a vida da Princesa Dona Ioanna, a offereço a V. S. por voto, porque se esta escriptura for digna da vida da memoria, & escapar da morte do esquecimento, V. S. fes o milagre, sendo Real o assumpto, não he indigno o offerecimento, como a obra não tira o preço á materia, offereço a V. S. a materia, porque sei que não he de algum preço a obra, & de nenhum modo pôde V. S. deixar de aceitar esta, porque tendo V. S. quasi exausta a lição dos livros, fassse benemerito do patrocínio de V. S. quem lhê dá occasião para frequentar a curiosidade, & ainda que este livro não seja digno da de V. S. pois se ha nelle que aprender, V. S. o sabe, se o não ha, não he digno de que V. S. o veja; neste acontecimento o reverente culto com que o offereço poderá ser digno decoro, para que V. S. o aceite; & eu por força hei de pedir a atenção de V. S. ainda que seja a do ocio; porque qualquer me será muito util; não pôde haver atenção de V. S. que não seja patrocínio meu, & ainda aplauso; porque he certo, que V. S. aprova o que atende; & o que tem approvação de V. S. isento fica de toda a calumnia; ninguem dirá que he mau, o q V. S. approvou por bom, pois V. S. seguindo os dictames da razão justa, & os

dogmas da sagrada doutrina, nunca disse, que o bom era  
mao, nem maoo bom: fazendo justiça a todos, sempre foi  
livremente catholica a sua censura.

Larga occasião se offerencia para falar nas virtudes  
de V. S. Eu o fisei largamente, sem scrupulo de lisonja,  
se não temera a austeridade de sua modestia; & V. S.  
não buscara industria para as deixar na minha ignoran-  
cia: doutrina foi do maior Mestre, fazer milagres, & im-  
por segredos: V. S. obra maravilhas, & procura ignoran-  
cias, & sem o perigo do desvanecimento evita a devul-  
gação da sua fama: não detraindo a ninguem, porque tu-  
do louvavel louva, só assi se detrahe, porque o não aplau-  
dão: exarando Germanico as inscrições, do q̄ debaixo de  
seus auspicios obrarão as Legiões Romanas, nada escre-  
veo das proprias proesas; V. S. a quem lhe devia fazer al-  
tos Elogios, occulta suas acções heroicas, mas impossivel  
será ficar occultamente na taciturnidade do silencio, o  
que tão altamente soa na locacidade da fama; porque  
sem deligencia de V. S. he tão geral o seu aplauso, que  
por força, como Germanico, ha V. S. de gosar do seu reno-  
me; como a fama vaga mais que a pessoa, adonde se não  
conhece a pessoa, ha V. S. de ouvir a sua fama, & este he  
o verdadeiro credito; porque só he irrefragavel testemu-  
nho aquelle que não tem algum perigo de falso; mas certo  
he, que para V. S. todos são maiores de toda a exceição,  
porque V. S. he maior que toda a lisonja, & ninguem as  
dirá



dirà a V. S. porque sabe que V. S. as aborrece, & se al-  
guem se enganasse, procurando a benevolencia, encontra-  
ria o desagrado sem o livrar a amisade, porque a de V. S.  
naõ he privilegio para algum vicio; antes o mesmo he sa-  
ber se este, que perder se aquella; aborrecendo V. S. catho-  
licamente o defeito, sem se crimirar malignamente a pes-  
soa.

O geral conhecimento das excelentes virtudes de V.  
S. o fazem digno dos grandes lugares que tem occupado,  
o procedimento que tem nos que occupa o estaõ fazendo  
com que o solicitem os maiores: là disse Plinio, que se naõ  
via, se os homẽs mereciaõ as honras, se naõ depois que as  
alcançavãõ, V. S. sempre pareceo digno das grandes occu-  
pações; nas grandes mostra, que he dignissimo das maio-  
res: digão na Campanha, as de Arronches, Ieromenha,  
& Evora, adonde se vio tão intrèpido o valor de V. S.  
que na promptidãõ com que V. S. se expes aos riscos, mos-  
trou que entendia, que sô o arriscar, era servir, & por  
servir a República com a sua pessoa, se arriscou a des-  
servilla no seu perigo; porque na vida de V. S. tem ella  
hum dos mais vitaes spiritos, que politicamente a alen-  
tãõ, & heroicamente a animãõ.

Na Guerra, & na Pax, contra o que sentio Tacito,  
mostrou V. S. genio militar, & politico, & em bũa, & cu-  
tra parte valor politico, & militar; que importara ser ven-  
cedor nos exercitos, & sabir vencido nos Tribunaes? só  
da

da rasão he V. S. vencido, & nesta victoria da rasão está o triumpho da justiça; qual seja a de V. S. podem diser as acções que V. S. obrou, sendo Regedor da Casa da Suplicação, & obra sendo Veador da Fazenda, & em huã, & outra occupação procede V. S. & procedeo, como quem entende, que o que se detremina naquelles Tribunaes da terra, se ha de julgar no Tribunal do Ceo, com o que tendo a Deos diante dos olhos, não vê mais que a rasão, como succede a quem poem os olhos em Deos: o temor Divino lhe dá sciencia para julgar sem respeito algum humano; o temor que tem a Deos lhe fas não perder o respeito aos homẽs, nem tambem julgar por seu respeito: como offender a Deos por respeitar os homẽs, he venerar os homẽs sem respeitar a Deos, V. S. venerando a Deos, & não desprezando os homẽs, vota sem respeito, & com decoro, com que os votos vem tambem a ser sacrificios.

Julgando os grandes, como os pequenos, se constitue superior Ministro, não provindo a superioridade da grãdesa do lugar, mas da excelencia da rectidão, guardando V. S. os Divinos dogmas, todas as suas determinaçõs são justas, nem a sua liberdade offende, nem o seu obsequio prejudica, como a liberdade he só isenção, & não calumnia, como o obsequio he só decoro, & não respeito, nem a liberdade contem offensa, nem o respeito prejuizo; com o que não faltando V. S. com o decoro, a quem elle se deve, não tira o que se deve por respeito.

Dando

Dando V. S. desta sorte a cada hum o que he seu, só o que he seu, poem em duvida, se o he; não podia chegar a mais o desentereffe humano, que pôr V. S. em litigio o proprio, para que se determine que he alheo, buscando o despojo da propria fazenda, para que cresça o Erario da fazenda publica: ja V. S. no officio de Regedor tinha repartido as utilidades do officio, applicando aos pobres os emulumentos; agora no Tribunal da Fazenda litiga o receber por arbitrio de poupar, fazendo os despojos de seu officio rendimentos da Republica.

Em nenhum Tribunal fes V. S. que a innocencia fosse culpa, nem a culpa innocencia, & sendo esta quem aclama a V. S. tambem aquella o aplaude; porque se os louvores do innocente livre são louvores do Iuis recto, os sentimentos do criminoso castigado são aplausos do Iuis justo; entendendo V. S. quanto convem á Republica, que os delinquentes não fiquem impunidos, procurou expurgar a Republica dos delinquentes, de que seguiu serem elles menos, & ficar ella mais socegada, guardando V. S. tão virtuoso temperamento, entre a justiça, & a clemencia, que tendo aborrecimento ao crime, sempre teve commiseração do criminoso.

Com tanta igualdade, & benevolencia se ha V. S. nos despachos, que os que de outrem forão queixosos, ficão a V. S. agradecidos, & o não conseguirem com V. S. a sua pertença, não he causa de que lhe fiquem com odio: or-  
dina-

ordinariamente a natureza humana se escandalisa de tudo o em que a justiça a desagrada, ninguém atribue o castigo á culpa, nem a repulsa a demerito, em não sendo bom o despacho, logo se imputa á má vontade: Com V. S. não succede assi, se elle não he, como se deseja, crece que he, como se devia; se o despacho não he bom, entendese que he bom o animo, & agradece a V. S. a boa vontade, quem lhe não pôde agradecer a boa obra.

Condições houve que assi derão os bõs despachos, como se forão perdas suas, assi derão os maos, como se forão grangearias proprias: V. S. quando despacha bem, gosta, como se o despacho lhe fora util; quando não difere, sente, como se o despacho lhe fora prejudicial; assi não tem violencia aos bõs, nem se vinga com os maos, com o que grangea universal aplauso, o que tãbẽ nasce da promptidão com que V. S. dá as audiencias, da urbanidade com que trata as pessoas, do desinteresse com que seba nos negocios, da benignidade com que desensoberbece o poder, da indeferença com que administra a justiça: quem com esta indeferença, com esta benignidade, com este desinteresse, com esta urbanidade, com esta promptidão não alcança o que deseja, cre, que alcança o que pôde, & estas virtudes o convencem de que se lhe não fazem injustiças, persuadindo se com V. S. a condição humana que não he sem razão, o que he contra a sua conveniencia.

Para estas virtudes, que em V. S. resplandecem serem  
dig-

dignas de todos os louvores, não lhe falta cousa alguma da sua parte, o haverem porém sido dos maiores de V. S. fas com que ellas em parte não sejam maiores: disse Plinio em louvor de Trajano, que o contender este sem exemplo só consigo, era de sua grande virtude hũa circumstancia mui consideravel, esta não pôde V. S. ter totalmente, pois contende com tantos, & tão insignes ascendentes, como ha nas illustres Familias de que descende, mas se a V. S. lhe falta a infelix circumstancia de não ter a quem imitar, para saber como ha de proceder, tem a gloria justa de proceder como aquelles a quem deve imitar, mas ainda nestes termos tendo V. S. todos os seus maiores por contendores, procedendo como aquelles de q̄ procede, transcendendo aquelles de quem descende no excessso, não tem exemplo, & assi contendendo como Trajano só consigo, logra a mesma excellencia que Trajano.

Para que fosse sua a qualidade de seus Avós, fas V. S. o que elles fiserão; quem obra o que seus Illustres Avós obrarão he do seu sangue, & da sua qualidade; quem obra contra o que seus Illustres Avós obrarão, não he da sua qualidade, ainda que seja do seu sangue: V. S. por ser descendente pela virtude, assi como he pela geração, fes a geração empenho da virtude; fes o que fiserão seus Avós, para ser seu digno descendente, fes mais do que fiserão seus Avós, para ser ascendente mais digno, com o que a sua posteridade deverá mais á maioria de V. S. do que

\*

V. S.

V. S. deve à antiguidade de sua ascendencia : tomou  
V. S. a tocha, resplandecendo em luses, porém he certo  
que a ha de entregar, alumianado em soes, & ainda que  
seja mais facil acrescentar, que principiar, he defícil quan-  
do o augmento he maior que o principio, & que o progres-  
so; o transito de Estrella a sol he o excesso, que vai da  
vulgaridade das luses ao auge dos luminares.

O que eu digo de V. S. he o que se dis de V. S. vai  
grande differença do que se dis aos homẽs ao que se dis  
dos homẽs; se o que se lhe dis he diferente do que se dis  
delles, pôde ser lisonja, se o que se dis delles não he confor-  
me com o que se lhe dis, pôde ser calumnia; em V. S. po-  
rẽm conformandose pelo que obra o que se lhe dis com o  
que se dis delle, nem se lhe atreve a calumnia, nem a li-  
sonja, esta porque V. S. a excede, aquella, porque V. S. a  
convence; ou porque ambas emmudecem no que admirãõ;  
com o que tendo V. S. as virtudes absortas, tem os vicios  
emmudecidos, & não he muito que emmudeçaõ os vicios,  
se emmudecem the os aplausos, & essa he bũa das rascões,  
porque eu os não intento, & só peço a Deos, que o confer-  
ve, & vivifique a V. S. que na temporal vida o prospere,  
& na eterna o bemaventure,

Fernando Bispo do Porto.

## PROLOGO.



STYLO he dos que imprimẽ livros faferem Prologos para expenderem as suas rasoẽs, & darem as suas desculpas; nõs fafemos hũa, & outra cousa, mais fiados na benevolencia dos que nos hãõ de ler, que nos fundamentos com que nos havemos de desculpar; escrevemos a vida da Princefa Sancta por devoção, as reflexoẽs por zelo; esta foi a occupação, em quanto nõ tivemos occupação, se o ocio naõ foi sancto, ao menos naõ foi ocioso; esperamos, que o zello, & a devoção fiquem livres da censura, tudo mais sujeitamos a correção, & advertencia.

Vaõ as reflexoẽs impressas de differente letra, porque quem as naõ quizer ler, tenha por onde as destinguir, & deixe de se molestar, & esta mesma distincção fica na historia, para se poupar a molestia, & quando moleste hũa, & outra escriptura, tudo tem remedio, com fechar o livro, naõ nos offenderemos, quando naõ sirva para a lição, que se tenha sò por volume.

Se as reflexoẽs parecerem digressões, lendo se sò o Texto, se emmenda este excessõ, & bem se pòde

pòde elle desculpar, se nas digressões da historia  
houver progressos da doctrina ; util he o diverti-  
mento, se he cuidado com a instrucção.

Todas estas moralidades estavam illustradas  
com authoridades dos Sanctos, com dogmas dos  
Philosophos, com dictames dos Sabios ; porém  
não se puderão imprimir as illustrações, porque  
se perderão com algũs manuescriptos, virá po-  
rém tempo : se Deos não puser termo à nossa vi-  
da, em que se veja que o que escrevemos, he o  
que os Sanctos Padres disserão, com o que não  
ha de que nos louvar, nem de que nos arguir:  
pois não podemos ser traslado do seu spirito, fa-  
semos traslados da sua doctrina, para que os fieis  
a leão, & aprendão com aproveitamento de suas  
almas, & maior gloria de Deos, elle queira, que  
assi succeda, para que não só no pouco, mas em  
tudo lhe sejamos fieis.





VIRTUOSA VIDA,  
 E  
 SANTA MORTE  
 DA PRINCESA  
 DONA IOANNA.



ETERMINAMOS escrever a vida da Princesa Dona Joanna, para que se veja que debaixo dos doces do Paço estão os espiritos do deserto, & que não he incompativel a virtude com o principado, antes que o principado realça mais a virtude: Reis forão David, Ezechias, & Josias, & forão santos: ainda que este assumpto teve grandes escriptores a sua grandeza não impede a nossa humildade; escrevemos por devoção não por competencia: S. Bernardo explicou por devoto o que pela boca do Evangelista tinha dito

o Espirito Santo, o que hũs exprimiraõ em me-  
lhor forma, narraremos nõs de outra, & levando  
elles o aplauso pela elegancia, & pela sciencia  
poderà fer que configamos algum agrado pela  
diferença, & pela variedade; se o ponderoso, & o  
elegante admiraõ: o vario, & o diferente delei-  
taõ: a mesma materia em diferente forma naõ al-  
tera a essencia, & pòde diversificar aplausibilida-  
de, do mesmo ouro fazem varios artifices diver-  
sas, & agradaveis joias.

Breve he a vida, que procuramos escrever; po-  
rèm vida que segurou a eternidade naõ podia ser  
maior: computada pelos annos foi breve: compu-  
tada pelas virtudes eterna: foi taõ grande a vir-  
tude em taõ breve espaço de vida, para que esta  
tivesse a maravilha de incluir o muito no pouco:  
assi como he excellencia dos grandes artifices  
obrare grandes cousas em sucintos circulos; af-  
si esta Princeza incluiu immensas prerogativas  
de virtude em muito poucos lustros de vida.

Sendo El Rey Dom Affonso o Quinto do no-  
me, & undecimo dos Reis de Portugal casado cõ  
sua prima a Rainha Dona Isabel, & faltandolhes  
a successaõ para que cõtrahiraõ o matrimonio, &  
por quem suspirava o Reino desejando, que ella  
particularmente fosse dada do Ceo, recorrerão  
de-

DA PRINCESA D. JOANNA. 3

devotamente a Deos para que lha désse.

Ha na Diocesi do Bispado de Lamego huã Ermida do glorioso Patriarcha S. Domingos, a que vulgarmente chamaõ da Queimada, adonde de toda a Comarca recorrem os casados, que se reputaõ por estereis, porque tem por fé que a intercessaõ daquelle glorioso Santo os faz fecundos.

Foraõ os Reis com piedade catholica em romaria à Ermida do Santo Patriarcha a pedirlhe, que intercedesse por elles a Deos para que lhe désse filhos; o successo mostrou que o Santo ouvira os rogos dos Reis, & Deos as intercessões do Santo; pediraõ por isso, receberaõ, deraõ, & por essa razaõ alcançaraõ: assim succedeu a Sára, assim a Anna, assim a Zacharias.

• Chegou o anno de 1452. & aos nove meses depois de satisfeito o voto viraõ os Reis o desejo cumprido, nascendo a Princesa cuja santa vida lhe deu o renome de Santa, parece que quis Deos que nacesse naquelle preciso tempo, porque desde seu nascimento se visse, que ainda que era parto da natureza nascia portento de seu favor.

O dia em que nasceu foi em 6. de Fevereiro de 1452. o lugar a Cidade de Lisboa, recebendo

maior gloria de ser sua patria, que de ser Corte: mais he ser patria de Santos que Corte de Principes: nascendo a Princeza na terra sempre mostrou que era toda do Ceo, & naõ tinha patria no mundo porque a Hierusalem celeste era a sua patria: quem vive no mundo como em deserto, naõ tem patria no mundo.

*As pessoas insignes honraõ as suas patrias, & naõ as patrias as pessoas insignes, Babilonia por ser patria de Suzana deixou de ser Cidade de confuzão, & ficou custodia de castidade, o mesmo credito, que daõ as pessoas insignes aos lugares em que nascerão, daõ aos em que assistiraõ, & aos que occuparaõ; Eliseu fez casa dos vivos a sepultura dos mortos, Iob trocou em Aula real o esterquelinio immundo, Ionas fez o ventre de balea templo de sua oraçaõ, a casa de Raab que era lupanar infame em Iericô, ficou typo da Igreja com os exploradores de Israel; Epaminondas honrou as dignidades, as dignidades naõ honraraõ a Epaminondas, na honra que daõ ou recebem os homẽs, se vè quem elles saõ; quem honra a patria em que nasceu, a dignidade que occupou, acredita o proprio merecimento; quem recebe a honra da patria que tem, da dignidade que logra, acredita a propria fortuna; quem honra as occupaões he mais que benemerito dellas; quem se honra com as occupaões, de algum modo naõ he*

*del las*

dellas benemerito: as pessoas insignes illustraõ os lugares ignominiosos; o illustre moço de Agasticles illuminou o carcere escuro: as pessoas infames desluzem os lugares insignes: os Iudeos fizeram a casa de Deos covã de ladroës, o que succede dos lugares para as pessoas, & das pessoas para os lugares, succede dos animos para os corpos, & dos corpos para os animos; quem sendo netto de Quinto Hortensio, tem o animo de Hortensio Cerbio, invilece com hum animo vil o corpo illustre; quem sendo hum pastor como Tulio Hostilio tem o animo como Cesar Augusto, illustra com o procedimento Real o corpo inobil; Achan furtando a pauta contra o preceito de Iusue invileceo a nobreza que tinha em ser descendente do Tribu de Iudã; a gloria que alcançou Aminabad com ser o primeiro que acometeu o passo do mar vermelho, se diminuiu com o furto do despojo de Iericó; Ietph com o valor de seu animo illustrou a innobildade de seu nascimento, os triumphos que alcançou dos Amonitas o aclamarão por filho de Galaad, quando os filhos de Galaad o despresavaõ por filho de Meritrix; se os animos não generosos desluzem os altos nascimentos, se os generosos animos illustraõ os nascimentos humildes, que faraõ as almas santas, ou peccadoras, huã alma peccadora de hum homem faz hum precito; huã alma santa de hum homem faz hum predestinado, oh Monarchas, oh Reis, oh Princeses, oh Grandes, oh humildes, oh humanos, pois todos

somos

*somos templos do Espirito Santo, não nos façamos habitações do espirito malino, pois somos Ceo, não nos façamos Inferno, pois as almas podem santificar os corpos, não inficionem os corpos as almas.*

Entre outras cousas de que necessitava o corpo desta escritura de que he alma a vida desta Princeza, para que lhe não faltassem as partes convenientes ao corpo de que tão santa vida he alma, era dizermos a Igreja em cuja santa fonte foi lavada da original mácha, quem lhe administrou o Sagrado Sacramento do baptismo, abrindolhe a porta para os mais; quem foraõ seus padrinhos: porque todas estas circumstancias eraõ notaveis para a vida de huã Princeza, & muito mais para a de huã Santa; se por razaõ da Magestade, para se engrandecerem se referem notavelmente ainda as menores noticias das pessoas Reais: por razaõ da santidade para se eternizarem se devem exprimir memoravelmente ainda as minimas circumstancias das pessoas santas; porem nenhuã destas cousas ficou em memoria, & como a Princeza deixou de si tantas, & tão santas prejudicou o esquecimento só àquelles que por haverem sido ministros do Sacramento da Princeza poderaõ conseguir maior renome.

No baptismo pela grande devoção que a Rainha tinha ao Evangelista ; S. João , deixando o nome dos Reais avós, se lhe poz o nome daquelle glorioso Santo: particular razão tem os Evangelistas para serem amados dos Princepes , & particular prerogativa para ser amado dos homens o Discipulo amado de JESUS ; proprio foi o nome de Joanna para tanta graça , razão era que Joanna se chamasse a que por røgos dos Paes foi dada por Deos como João: satisfez a Princesa de forte o empenho de tanto nome , que se elle não estivera tantas vezes santificado, ella bastaria para o santificar, mas senão foi a primeira que o santificou, deulhe com a sua santa vida huã nova santificação.

*Quem tem má fama tendo bom nomê, padece a maior infamia: quem não tendo bom nome tem má fama, padece a maior ignominia ; o nome esclarecido manifesta mais a fama obscura; o nome obscuro occulta mais a obscurecida fama : se o nome illustre he empenho do illustre procedimento , o santo nome deve ser empenho do procedimento santo, se he indigno de si mesmo quem tendo hum insigne nome, não tem hum ser insigne ; muito mais indigno he do nome de christão, quem não tem huã alma tão christã como o nome; ja que o gentilicio nos honra politicamente, razão*

zãõ he que virtuosamente nos santifique o catholico, & procuremos não profanar o catholico, pois somos obrigados a não invilecer o gentilicio; mais obrigada está huã alma à nobreza christãã, que á civil: a nobreza civil quando muito faz hum homem grande diante dos Reis, quando mais hum Rei maior entre todos os grandes; a nobreza christãã faz hum humilde grande diante do Rei dos Reis, & hum grande entre os grandes do Reino do Ceo; se para profeguir aquella nobreza he necessario continuar a virtude que lhe deu principio, para conseguir esta, he necessario imitar a santidade, que se lhe propoem por exemplo: se no gentelismo os Fabricios, os Scipioes, os Camilos tomãrãõ estes nomes para serem como aquelles grandes homẽs, no Christianismo, os Andres, os Franciscos, os Pedros, pois tem estes santos nomes devem imitar aquelles grandes Santos; chamar Fabricio, & não ser como Fabricio, he envilecer a nobreza; chamar Pedro, & não imitar a S. Pedro, he como profanar a santidade, ha-se de guardar illeza a virtude do nome para que resplandeça a fama da pessoa; ha de resplandecer a virtude da pessoa para que se santifique a fama do nome, he a fẽ que se tem aos nomes faude das propriedades, quem não quizer prevaricar o ser, não falsifique o nome, de sorte corresponde em Deos o nome com o ser, que a virtude de seu poder chama protecção do seu nome: se por Christo nos chamamos christiõs, sejamos imitadores da santidade, os

que



DA PRINCESA D. JOANNA. 9

que somos herdeiros do nome; justamente se chamou Zacheu filho de Abraham porque o imitou generosamente, não devê ser successor do nome quem não for successor da virtude, ser christão no nome, & não ser christão na vida, he chamar, mas não he ser christão: & nem christão se pôde chamar quem não he imitador de Christo, corresponda pois a virtude ao nome, & faltarão os vicios com que as letras se deminuem acrescentar-se-hão as virtudes com que as letras se augmentão, passando-se de Abraam a Abraham, de Osea a Iesué, de Jacobo a Boanerges.

Tanto que chegou a idade capaz a entregou El Rey seu pae a Dona Brittes de Menezes filha de Dom Pedro de Menezes Conde de Viana molher de Dom Fernando de Noronha, filho dos Condes de Gigon, & netto dos Reis Dom Fernando o primeiro de Portugal, & Dom Henrique o Cavallero de Castella; foi esta Senhora elleita para Aia da Princesa porque era illustrissima na qualidade, excelente na virtude, singular na discrição, superior na prudencia, sem prudencia, sem discrição, sem virtude, seraõ as qualidades illustres, decorozas para os Successores, porém são inuteis para as occupaçoës, a nobreza cõ capacidade, precede a capacidade sem nobreza, a capacidade sem ignominia, precede a nobreza

B

sem

sem capacidade, as cinzas que estão nas sepulturas por si só não são dictamês para os Tribunais.

Deuselhe por Mestre o Capellaõ mór da Rainha. ignoramos o nome que teve, mas não o bom nome que deixou; as historias daquelles tempos que sò o nomeaõ pelo officio; dizem que era amigo de Deos; assi, ainda que lhe não dizem o nome lhe divulgaõ a fama; quem he amigo de Deos não pôde deixar de ser bom mestre de Princepes, no temor de Deos estão os principios da sciencia.

Taõ grande Rei como ElRey Dom Affonso, não podia esquecerse do que importava a educação de hũa taõ grande Princeza, & ainda que a indulgente benevolencia dos paes he prejudicial descuido para educação dos filhos, principalmente nos de excelsa origem, de que ordinariamente resulta, que devendo os melhor nascidos ser melhor criados, são mais vilmente criados, os mais illustremente nascidos; não se achou esta perversaõ em taõ catholico, & prudente Rei, os seus exemplos eraõ as melhores doutrinas: com maior efficacia se aprende o que com melhor exemplo se ensina.

*Virtuosa monstruosidade he ser exemplar o filho do  
pae*

pae escandalozo, perversidade não ordinaria ser escan-  
 dalozo o filho do pae exemplar: notaveis cousas foraõ ser  
 Ezechias santo, sendo filho de Acas perverso, ser Ma-  
 nasses perverso sendo filho de Ezechias santo; ha vicios  
 familiares, & familiares virtudes; os filhos de Caim fo-  
 raõ viciosos, os de Seth santos; se os costumes se cõmuni-  
 caõ occultamente pela geraçãõ, muito mais se aprenderãõ  
 manifestamente pelos exemplos, foraõ filhos de Deos os  
 filhos de Seth, porque elle os criou no amor, & temor de  
 Deos: foraõ filhos do seculo os filhos de Caim; porque elle  
 os criou no vicio, & corrupçãõ dos homẽs; se os maos exẽ-  
 plos de quaesquer homẽs pervertem como deixarãõ de  
 perverter os dos paes senãõ forem bõs? difficultosamente  
 se esquece o que domesticamente se aprende; lançou  
 Abraham a Ismael dos proprios lares, porque Ismael não  
 domesticasse a Izac nos proprios vicios, teve Izac tan-  
 tas, & tão santas virtudes, porque tomou de Abraham  
 tantos, & tão santos exemplos: quem não dà ao filho bom  
 exemplo, & boa doutrina dalhe a vida em que o iguala  
 aos brutos, tiralhe o entendimento em que se asemelha  
 aos Anjos; & privandos do entendimento melhor fora  
 não lhe dar a vida; melhor seria aos que injuriarãõ a  
 Elizeu não serem nascidos, do que morrerem despedaç-  
 dos: o pae que dá ao filho boa doutrina, & mau exemplo,  
 poem na porta o titulo da virtude, habitando na casa o  
 corpo do vicio, persuadir dizendo, & desuadir obrando,

he perverter com as obras, o que se procurou instruir com as palavras; não importou a Salamaõ haver escrito tantas parabolâs, taõ santas, comettendo despois tantas idolatrias taõ abominaveis; o pae que dà ao filho bom exemplo, não he possivel que lhe dê má doutrina, antes lhe dà a melhor doutrina dandolhe bom exemplo; neste sentido os paes são os melhores mestres; Agasicles queria ser discipulo de quem fora filho: o pae que não he mestre de merece de pae, sejaõ os mestres da virtude os que foraõ paes pela natureza, porque os filhos sobre o ser de vivos, tenhaõ o de virtuosos em que consiste o maior logro; os paes que deixaõ filhos bõs não morrem, eternizaõ-se: os filhos maos, ainda que vivaõ, não se lograõ; os pezares que daõ, são logros que tiraõ, os bõs sempre se lograõ, ainda que morraõ, a fama que deixaõ he logro que asseguraõ; os maos parece que não são filhos, & que só o são os bõs, os bõs são proprios; os maos parecem estranhos. Dizendo Salamaõ quando era penitente que era filho de seu pae David, deu a entender que não tinha a David por pae quando era idolatra, a hũs Deos os dá, a outros Deos os tira: o filho da Viuva Deos o tirou quando o matou por mau: Deos o deu quando o resuscitou por bom: procurem pois os Princepes, & os homẽs, dando seus filhos religiosamente a Deos, que elles lhes sejaõ por Deos expressamente dados, & assi se verificaraõ os Adiodaços, assi os Theodosios.

Tanto que teve uzo de ração logo poz a ração em uzo, santificando aos sette annos as inclinações, & os affectos: não guardou o ser penitente para a velhice, logo o começou a ser na adolescencia: como a morte he tão contigua com a vida que a interposição entre hũa, & outra de instantanea, quasi que sò he imaginaria: sempre viveu como quem morria sempre, assi morreu como havia vivido.

*Quotidianamente morre quem successivamente vive: ninguem se fie da morte em nenhum tempo da vida, pois a vida he o principio da morte; E morte mais dilatada a vida mais prolixa, se o primeiro alento pòde ser o ultimo bocejo, bem faz quem julga que será o ultimo bocejo qualquer alento, se em hum instante se pòde perder a eternidade? como ha quem arrisque a eternidade por hum instante? quem quizer ser bemaventurado eternamente seja successivamente bom; E não basta começar bem, he necessario acabar bem, E melhor he acabar bem havendo comessado mal; que acabar mal havendo comessado bem, o primeiro he como S. Paulo, que de perseguidor da Igreja se fez Apostolo das gentes; o segundo como Judas Escariote, que de Apostolo de Christo se fez escravo de Satanas; quem acaba bem, he bom: quem acaba mal, he mau; quem acaba bem, E comessa mal, arrepende se do pec-*

peccado; quem acaba mal, & começa bem, arrependese da virtude; & para que senão trate a virtude como o peccado, deve se fogir do peccado sem interromper a virtude, se qualquer interposição com culpa he perigo da bemaventurança; a procrastinação da penitencia he quasi infalivel risco da salvação, viver toda a vida em peccado, viver toda a vida sem virtude, & morrer em virtude, & sem peccado, possivel he, mas inverossimel, & o que não he verossimel para impossivel repete, quem dilata a penitencia para a velhice não deixa o peccado, o peccado he que o deixa, aquelles que deixão os peccados mostrão arrependimento; aquelles a quem os peccados deixão, não assegurão a penitencia, os primeiros ve se que não peccão, porque não querem, os segundos parece que não peccão, porque não podem, os primeiros tendo o peccado em seu poder, mostrão que o não tem na vontade, os segundos parece que o não tem na vontade, porque o não tem no poder, quem tem o peccado na vontade certamente vive em peccado, quem vive em peccado raramente morre em virtude, quem vive sem virtude suppoem que a morte senão anticipará à penitencia, & á conta da misericordia continua na culpa, quem continua na culpa, abusa da misericordia, & quem abusa da misericordia provoca a justiça; não póde haver maior ingratitude, que offender a quem esperamos que nos ha de perdoar; não merece as offensas aquelle de quem se esperão os perdões; & se he abominal

vel ingratiidão offender a quem o não merece, execravel,  
 & inominado delicto he offender a quem o não merece  
 pela mesma razão que ha para que o ame, este comette  
 quem offende a Deos na esperança de que Deos lhe per-  
 doe, saiba porém quem continua o delicto com a esperança  
 do perdãõ, que o perdãõ se dificulta nesta esperança, por-  
 que ella continua o delicto; por esta razão se disse que mais  
 condenava a misericordia, que a justiça, ainda que sobre  
 a culpa cae a misericordia, he necessario interpor se entre  
 ambos a emmẽda; se ordinariamente a penitencia que se  
 dilata para a ultima hora senãõ logra como a de Antioco,  
 & Iudas, não se faz a que para outro tempo se procrasti-  
 na como a de Izau, & Farao havendo mortes subitas, não  
 se podem procrastinar as penitencias, quem não faz peni-  
 tencia em caindo em peccado, arrisca se a que a morte su-  
 bita seja improvisa, quẽ senãõ emmenda logo, arrisca se a  
 senãõ emmẽdar depois, para a emmẽda não ha depois, ha  
 logo; os Ninivitas tendo quarẽta dias para se emmenda-  
 rem, no primeiro instante tratarãõ de se converterem; se  
 tendo quarenta dias não dilatarãõ a penitencia, como a  
 dilata tantos annos, quem não sabe se ter à hum só minu-  
 to? O que importa he, que tanto que abrimos os olhos para  
 a luz da razão, logo os abramos para o amor de Deos:  
 olhos abertos sò quando os comessa a ferrar a morte, não  
 são olhos de corpo racional, são daquelle animal que toda  
 a vida vive cego, & só quando morre os abre.

Como sempre viveu com este cuidado, passando do estado da innocencia, à idade da culpa, ficou na idade da culpa, como no estado da innocencia, o tempo foi outro, a innocencia a mesma, viose que a idade capaz de se cometer peccado, sô era falaõ de se proseguir a virtude: foise continuando o tempo, naõ se vendo nella os divertimentos de hũa idade tenra, mas as applicaçõs de hum espirito adulto, aprendeu com grande cuidado a ler, & escrever, teve principios de grammatica, rezava as horas Canonicas com seu Mestre, & este lhe explicava o latim em lingoagem, para que entendendo melhor o Officio Divino fosse mais devoto o seu affecto: rezava com devoção por naõ falar a Deos com indecencia, por fazer a oraçãõ verdadeira era a sua oraçãõ devota, dizendo as palavras da boca cõ os affectos da alma, porq̃ he maldiçãõ fazer as cousas de Deos com negligencia; rezava sem distraçãõ, & com cuidado: quem fala com a Magestade divina deve falar com a tençãõ mais que humana.

Mandou fazer hum Oratorio aonde poz hum retabolo com a imagem de Christo Senhor nosso Crucificado no meio: de hũa parte o mesmo Senhor no Horto, da outra sua Mãe Santissima no pranto, com cujas imagẽs tinha particular devoção:



voção : as lagrimas do sangue de Christo, o sangue das lagrimas da Virgem, fecundavaõ a piedade de seus affectos, por isso tinha affectos taõ piedozos com hũas, & outras, & na consideraçaõ dellas as chorava do intimo do coraçãõ; naõ podia deixar de ter dom de lagrimas, quem era taõ devota da Senhora do pranto.

Chegou aos doze annos, & se athe aquella idade tinhaõ parecido colmadas as premias de sua virtude, cotejadas com as que se profeguirãõ, sò pareceraõ adolescentes flores, que depois foraõ fazonados frutos : vendo a imagem de Christo Senhor nosso lhe pedia, que naõ olhasse para seus peccados : como via na Cruz a Innocencia julgava que o puzera nella a sua culpa, tomava cada dia hũa hora em que se recolhia a meditar no passo do Horto, imaginando que estava nelle, repetia aquellas palavras que o filho de Deos disse a seu Eterno Pae : quem se imaginava no Horto naõ podia na meditaçaõ deixar de beber o Calix.

*Se Christo Senhor nosso se entristiceu, & chorou no Horto com a dor de nossos delictos, quanto nos devemos entristicer, & chorar na dor de nossas culpas; peccados que fizeraõ entristicer, & chorar ao justo, que effeitos*

hão de causar no peccador? senão ha tristezas para sentir as proprias culpas; senão ha lagrimas para chorar as offensas do Senhor? como haverá tristezas para sentir as suas tristezas? como haverá lagrimas para chorar as suas lagrimas? pois não ha tantas, & tais lagrimas, que possam chorar tantas, & tais culpas: pois não ha tantas, & tais lagrimas, que possam chorar lagrimas tais, & tantas: ao menos devem chorarse as que se podem chorar: se o Senhor chorou por todo o corpo lagrimas de sangue, razão he que distilemos o sangue do coração em lagrimas, vertidas na consideração do Horto, em tudo devem ser á imitação das que correrão em Gethsemani, tibiamente sente quem suando Christo Senhor nosso sangue, verte somente pranto: que sangue senão deve dar por aquelle em que se sumirgio a morte, & em que se salvarão as almas? se as lagrimas correrão a terra, devem chegar as nossas ao Ceo, por inundação, & sacrificio: se o mesmo Senhor sendo impeccavel temia a morte como humano; quanto a deve temer quem he humano, & peccador? se a mesma Innocencia temeu a agonia pela parte da natureza? quanto a sentirá quem alem da parte da natureza a tem que sentir pela memoria da culpa? o unico meio para não sentir a morte na morte, he temer a morte na vida; Christo Senhor nosso que a temeu no Horto com suores de sangue a esperou no Calvario com os braços abertos: at he Acab com o temor da morte se deu ao exercicio da penitencia,

tencia, & se a não logrou foi por q̄ a não profeguiu: quem se exercita na penitencia vem a não temer a morte, como a mortificação tem tão pouco de vida, não ama a vida que vive na mortificação, como o mortificado he hum quasi morto, não se teme morto quem vive mortificado; porque o mundo estava crucificado em S. Paulo, & S. Paulo crucificado no mundo, se desejava o Santo morto; de ser crucifixo esperava viver com quem o remio crucificado; se o mesmo Senhor mostrou a promptidão de seu espirito na enfermidade de nossa natureza, a resignação de sua vontade na agonia de sua morte; todo o christão deve propor que a sua vontade ande resignada na vontade de Deos, & que a promptidão, & o valor de seu espirito, supra, & emmende a enfermidade, & o descuido da sua natureza: não tem entendimento, quem tem mais vontade que a de Deos; quem quer o que Deos quer, tem o coração recto; quem quer o que Deos não quer tem o coração injusto; quem se conforma, quer que se faça a vontade de Deos; quem se não conforma, quer q̄ se faça a propria vontade; & quem não quer a vontade de Deos; antes Deos a sua vontade, parece que quer que Deos não seja Deos; querer Deos, & não querer o homem, he renitir o escravo ao Senhor; quem se não resigna dissente; & quem dissente contradiz: se Adam se resignara não comendo o pomo prohibido, não perdera a graça em que Deos o tinha criado; entregar á vontade he sinal de perdição; aquelles a quem

*Deos permite as culpas deixaos satisfazer seus desejos: a vontade propria he subversão da alma; não diga que teme a Deos quem com elle senão conforma; quem se não conforma, & diz que o teme, arrisca-se a que o lancem ao mar: quem vai para Tharsis mandando Deos prègar a Ninive, justo he que o traguem as Baleas; & razão he que a conformidade com Deos seja sinal do amor, & do temor dos homẽs, pois o amamos he necessario que nos conformemos, assi o fizeram Heli, Ioab, & David; assi o fez Christo Senhor nosso conformãdo-se com seu Eterno Pae:*

Com estes dotes do espirito não foraõ menores os da natureza; affirmase que voando a fama de sua admiravel fermosura por todas as Cortes de Europa, & mandando os Reis, & Princepes della excellentes pintores, para que tirassem a sua original Cópia, elles a não poderaõ retratar, como as admirações são cegas, perdese a fermosura da vista nas admirações, & fazendose com elevações os retratos, certeficarão os pintores que eraõ impossiveis as semelhanças, & que senão podia reduzir à mentira da arte a verdade da natureza, que a fermosura sem artificio excedia todo o artificio da fermosura, para que em tudo fosse unica, não ouve outra como ella nem pintada.

Sendo tantas as suas excellencias para o mundo,

do, sò as estimou para fazer dellas sacrificios ao Ceo; como molher forte teve a fermosura por vaidade, a graça por engano; pos toda a fermosura na pureza da alma, toda a graça no temor de Deos: com este principio da sabedoria, nada lhe fervio para o desvanecimento, tudo para a fantidade: quando o mundo a admirava com a mais decorosa estimaçã, ella o via com o mais defagradavel desprezo, conhecendo a sua falsidade, não se deixou persuadir de seu engano, ardendo os verdores de sua idade em incendios do amor de Deos; contra o que ordinariamente deseja a fermosura, não queria ver nem ser vista; os olhos que vem são os que se cegão; vendo a Dalida, se cegou Sansão, vendo a Judith cegou eternamente Olofernes.

Deste recato resultou que o Paço começou a ser Mosteiro, sendo a sua Camera a maior clausura; bem se edificão as solidões nos Paços em que as clausuras se guardão; para que em tudo ouvesse que aprender, com lição util, & piedoso exercicio, lia, & mandava ler as vidas dos Santos, & nellas estudava como havia de fazer santa vida, sò são verdadeiras liçoës aquellas em que se aprendem os virtuosos costumes.

Porque nas práticas ha os perigos que nos li-

vros, & se imprime na memoria, assi o que se pratica como o que se lê, não admittia outras práticas, que as que podião ser exemplos para a sua imitação, & instrucções para seu espirito; ninguém deve ouvir o que não deve dizer; ninguém deve dizer o que não deve ouvir: brevemente se executa o que voluntariamente se ouve: torpemente se faz o que torpemente se diz.

*Viver com os livros he habitar com os mortos, & a melhor conversação he a dos mortos, porque nella se achão os desenganos vivos; para serem santos os homẽs a melhor lição he a dos homẽs que forão santos, os livros espirituais sãõ os espelhos em que se compoem os animos devotos: se os livros santos ensinaõ os bõs costumes, os profanos os corrõpem: na lição da Sagrada Escritura aprendese, a mansidão de Moyses, a obediencia de Izac, a esperança de Iacob, a paciencia de Iob: na lição profana aprendese os disfarces de Iupiter, as torpezas de Venus, os ensaios de Apollo, os siumes de Iuno; & como a natureza corrupta propende mais para o que perverte, que para o que instrue, deve se ler o que instrue, & não o que perverte: prohibiãõ se aos moços de Israel os livros dos Cantares, porque não imaginassẽ que erãõ licitos os amores: se nos livros sagrados houve livros prudentemente prohibidos; porque não haõ de ser prohibidos os livros amorosamente*

profanos: verdade he que se na Sagrada Escritura se  
 achão a fidelidade de Abrahão, a obediencia de Ioseph,  
 a constancia de Caleb, a misericordia de David, o zelo  
 de Elias; tambem se achão, a desobediencia de Adão, o  
 fratrecidio de Caim, a ingratião de Saul, o sacrilegio  
 de Ossa, a omissão de Heli: comtudo achandose nella  
 virtudes, & vicios, vemse os vicios castigados, premiadas  
 as virtudes; a fidelidade de Abrahão o justificou para  
 summo Patriarcha, a obediencia de Ioseph o fes Viso-  
 Ret do Egipto, a constancia de Caleb o fes Capitão de  
 Israel, o zelo fes santo a Elias, a censuridade livrou a  
 Daniel do lago dos leões: se Adão comen o pomo vedado  
 contra a obediencia de Deos, ficou comendo o pão com o  
 suor de seu rosto em castigo da desobediencia; se Caim  
 matou a seu irmão Abel, ficou toda a vida temendo a  
 morte em pena do fratrecidio; se Saul quis matar a Da-  
 vid com a propria lança, morreo atravessado com a pro-  
 pria espada; se Ossa tocou sacrilegamente a Arca do  
 testamento, ficou com a mão leprosa em pena do sacrile-  
 gio; se Heli consentia que seus filhos profanassim os que  
 vinhão ao templo, morrerão todos em castigo do peccado:  
 assi forão premiadas as virtudes, assi castigados os vi-  
 cios, para que quem ler os castigos, & os premios, não co-  
 met a os vicios, & siga as virtudes: poemse nas Cartas de  
 marear os baixos para que os naufragios se evitem; quã-  
 do a lição não seja da Sagrada Escriuura, seja de util  
 histo-

*historia: base de deixar a viola de Paris pela espada de Achilles, porque aquella lembra as delicias de hum adúltero, & esta as façanhas de hum Heroe: as vidas dos Varões heroicos tem porporcionados documentos pera os Princepes insignes; nas ruinas de Troia estudou Alexandre a conquista do mundo: nos Comentarios de Iulio Cesar se fes Solimão hum Cesar Othomano: razão he porém preferir hũas historias ás outras; a cada hum dos Princepes se devem propor as Cronicas nacionaes; os vícios, & virtudes que se achão nas lições sagradas, se achão tambem nas humanas letras, & com a mesma advertencia se hão de ler hũas que outras: todas se hão de ler não só com advertencia, mas com moderação: como as horas dos Princepes são poucas, como as occupaões são muitas, como os muitos livros confundem as noticias, como os poucos conservão os documentos; melhor he a lição certa q̃ a varia. a varia agrada; a certa aproveita: melho he a de poucos livros bõs, q̃ a de muitos diversos: se os muitos remedios damnão a saude, os muitos livros confundem o estudo: o ler não ha de ser occupaão, ha de ser aproveitamento: ler por occupaão, he perder o tempo; ler por estudo, he aproveitar a occupaão: não importa ler muito, que importa he ler bem; quem lê muito occupase; quem lê bem aproveitase; & melhor será ler bem, & muito; porque na lição continua, será utilissima a occupaão; lê bem que medita no que lê; quem não medita no que lê, lê mal: a*



da que se veja o que se lê, se senão medita não se aprende; assi como entre o ouvir, & o escutar vai grande differença; pois quem ouve percebe a voz, quem escuta percebe o sentido; quem lê vê as palavras, quem medita entendeas, & senão basta ouvir, & he necessario perceber, não basta ler, he necessario meditar; hase de ler para aprender doutrinas, & não para ostentar erudições; ostentar as erudições, sem executar as doutrinas, he saber os dogmas verdadeiros para fazer os peccados maiores: lease para se aprender, aprendase para se executar; não basta que a sciencia esteja nas palavras, he necessario que a sabedoria se exercite nas obras; quem sabe, & não obra, delinque; quem obra contra o que sabe pecca: se a Real occupação der lugar ao irrevogavel tempo, permitida he a lição de algũs livros deleitaveis, com que sejam indifferentes; se a lição for sempre severa, não podei à ser tão continua; he necessario para que se goste do util, que seja o temperamento suave; permitase aos Princepes o que se aconselhou aos Machabeos.

Sendo de quinze annos faleceu a Rainha; & El Rei que da Princesa fazia a estimaçã, que o amor de pae de hũa tão estimavel filha pedia, ordenou que ella se servise com a mesma casa que a Rainha tivera; fofreu a Princesa o pezar de se lhe não deminuir a grandesa, com a paciencia que

outrem necessitaria para soporitar o disgosto de se lhe não augmentar o estado, como para a grandeza necessitou do sofrimento, não lhe occasionou vã gloria.

Com a recente morte da defunta Rainha determinou a Princeza fazer nova vida: tratou de a fazer boa, como se a antecedente fosse má; assi conseguiu que a boa fosse santa: sabia que melhor era não ter conhecido o caminho do Senhor, do que retroceder despois de o ter conhecido: assi a vida que fes foi tal, que em tudo parecia outra, em comparação da que fora: sendo athe aquelle tempo a mesma edificação; pelos augmentos parecia diferente de si mesma: de sorte se transformou na presente santidade, que se veio a desconhecer da antecedente virtude: o ver se totalmente obedecida no Paço, lhe servio para se occupar livremente no serviço de Deos; o que impedia o segredo facilitou o poder, usando da liberdade para não usar della, mais que nos sacrificios, & occupaçoës de seu espirito; sendo regularmente o dominio absoluto viciosa dissolução, & cativoiro da virtude a liberdade do poder; ella usou do poder, & se servio do dominio só para dominar o vicio, & exaltar a virtude.

Havia naquella fazão no Paço duas Donas,  
de

de quem a Rainha tivera grande satisfação, & a quem a Princesa tinha grande amor; a estas, affi pela confiança que elle causa, como pela inculca, que de si fas a virtude: elegeu ella por confidentes de sua penitencia, fiandolhes o segredo de sua mortificação: dignamente se fião os segredos dos que são dotados de virtudes: lastima he não se saber quem foraõ estas Senhoras, que por virtuosas forão estimadas: se aquelles a quem a fortuna samente deu estimação, basta a felicidade para a memoria, dignos são de memoria da fama aquelles que merecem a estimação pela virtude: para o merecimento ser esquecido, faltou o nome às que tiverão este merecimento: só se sabe, que de se haverem criado com a Rainha resultou o viverem como ella, seguindose à semelhaça da criação a imitação da vida.

*Ordinariamente são bem ensinados os que se crião com boa doutrina; mas são mais bem morigerados os que aprendem dos bõs exemplos; mais breve he, & mais cõprehenfivel o caminho destes, que o dos dogmas; muito importa as boas lições que se tomão, muito mais as boas obras que se imitão; facil cousa he ser santo entre os santos, defícil não ser perverso entre os perversos, quem quiser que os Princepes sejam bõs, faça que se criem, & tra-*

tem com os bõs, que não tratem, nem se criem cõ os maos: se nas companhias se aprendem as acçõs dos corpos, muito mais se imprimem os vicios dos animos; se os ho- mões de hũa patria tem no portamento o mesmo ar, o mes- mo tom na lingua: os de hũa criação, & amizade por for- ça hão de ter semelhantes inclinaçõs, semelhantes affe- ctos: se para coxo aprende o saõ, que anda junto ao coxo; para avarento estuda quem com hum avarento se cria; axioma he, que os costumes se aprendem das pessoas cõ- juntas, & que he bom, quem aos bõs se chega: gloriosos fi- carãõ os Apostolos no Tabor, porque no Tabor assistiraõ a Christo glorioso: Lot recebeu grandes bõs por andar ao lado de Abraham: crescerãõ as ovelhas daquelle, porque andavaõ com as ovelhas deste; da mesma sorte que os alentos humanos manchãõ os vesinhos espelhos, manchãõ os maos costumes os coraçõs vesinhos: pegãõse nos ani- mos os males não os bõs; a enfermidade he contagiosa, a saude não; como a inclinação humana propende para o mal, & se elle va para o bem, mais facilmente cae para onde propende, do que sobe para onde se elle va: como a ruina he natural, & sobrenatural a ellevação, he difficil a ellevação, facil a ruina: por estas doutrinas senãõ devem admittir junto aos Princeses pessoas, cujos defeitos, ou do corpo, ou do animo possaõ aprender; não deve ser do la- do do Prncepe, quem não tiver hum coração tão real, que possa ser coração do mesmo lado; não deve o Prncepe fr-

ar o seu real coração senão de hũ lado digno de o animar  
 hũ coração real: o Principe que dá o lado a quem não tẽ  
 o coração real, profana o peito que só nasceu para os affe-  
 ctos da magestade: o Principe que fia o seu coração do  
 lado que não he real, humilha o coração que nasceu só para  
 habitar no intimo da soberania: hum coração humilde in-  
 vilece hum lado real: hũ coração real invilecese com hum  
 lado humilde: não dizemos que sò aos que tem sangue  
 real se fiem os lados, & os corações; dizemos que senão  
 fiem senão aos corações, & aos lados dignos da estimação  
 real: de hum Evangelista o fiou Christo Senhor nosso, fiou  
 de quem era tal, que o deu por filho adoptivo a sua Mãe  
 Santissima: aprendaõ os Princeses da terra do Principe  
 da gloria: Princeses o lado, & o coração semente aos  
 Evangelistas.

Como estas Senhoras eraõ confidentes, & par-  
 eias da penitencia da Princesa, em ordem a ella  
 lhes mandou fazer hũas tunicas de estamenha; &  
 porque trazendoas, lhe pareceu que a sua iustici-  
 dade era mimosa, ajuntou à desabrida asperesa da  
 estamenha as asperissimas sedas de hum cilicio:  
 deste modo vestindo exteriormente as reaes pur-  
 puras, cingia interiormente às asperesas religio-  
 sas, & parecendo ao mundo hũa magestosa Prin-  
 cesa, era para com Deos hũa austeramente penitente,

sendo publico o ornato da Magestade, era occulto o aperto da penitência; & aquelle cilicio, aquella estamenha fazião que a sua vida fosse hũa tunica polymita, em que a variedade das cores era multiplicidade das virtudes: como era justa a sua vida, era polymita tunica, a que se compara a vida do justo.

Em todas as funcções assistia a El Rei, ao Principe, & aos Infantes; & segundo o sincero uso daquelles tempos, dançava nos saraos com elles porém estas festivas urbanidades do Paço, não divertiaõ as santas considerações de seu espirito quando estava mais aos olhos do mundo, então estava mais na presença de Deos, fazendo penitencia do divertimento, & alivio da penitencia; se a urbanidade da Corte parecia que a entretinha, o mesmo intertinimento a morte ficava, vivendo em publico, & em secreto; nesta magestade, & nesta mortificação, fes firme proposito de morrer ao mundo, por renascer na gloria; o mortificar na vida he meio para vivificar na morte.

Considerando que só os Martyres pagão a Christo Senhor nosso com algũa semelhança a fineza de seu amor, dando por elle a vida, que o mesmo Senhor deu por elles, desejava anciosamente o martyrio, & vendo que não podia con-

seguir o do sangue, propos de padecer o da vontade, procurando por este sacrificio, ja que não podia dar por Deos a vida, dar toda a vida a Deos: com piedosas lagrimas lhe pedia a livrasse das magestosas pompas que para ella eraõ reaes prisoões, & lhe desse liberdade para o poder servir com humildade, & com pobreza; & ja neste tempo o servia com pobreza, & humildade, porque ja entaõ era pobre no espirito, & humilde no coração.

*Naõ ha duvida que os Princeses, humildes no coração, pobres no espirito, realçaõ hũa, & outra virtude; porque reduzem os thesouros da Magestade, as soberanias do Trono, aos nada da pobreza, ás aniquilações da humildade; deixãõ de ser ricos, & são pobres; deixãõ de ser soberanos, & são humildes: quem he pobre, sendo pobre, faz virtude da necessidade, como Lasaro do Evangelho; quem he pobre, podendo ser rico, busca a necessidade por virtude, como Sidrac em Babilonia; o primeiro, não tendo riquezas, se acomodou virtuosamente com as migalhas; o segundo, podendo lograr os regalos, acomodouse religiosamente com as lentilhas: Christo Senhor nosso, sendo rico, se fes pobre, sendo Deos, se fes parecer escravo: o melhor modo de augmentar a grandeza, he aniquilar a presumpção: Saul em quanto se reputou para*

com.

consigo por pequeno, foi grande para com Deos, foi pe-  
 queno para com Deos tanto que se reputou grande para  
 consigo: ser humilde hum coração humilde, he ser o que  
 he: ser humilde hum coração real, he ser o que não he:  
 primeiro quando muito deixa de se desvanecer, & quasi  
 não pôde deixar de se humilhar: o segundo vem se a hu-  
 milhar na mesma grandeza em que se podera desvane-  
 cer; hum he humilde por humildade nativa, outro he hu-  
 milde por humiliação virtuosa: o humilde por humildade  
 nativa, pôde ser que não seja Nabuco, porque o não pôde  
 ser: o humilde por humiliação virtuosa, deixa de ser ho-  
 mem, podendo ser David: os humildes por humildade,  
 são às vezes na soberba Nabucos; os humildes por hu-  
 miliação, são no espirito Davis: humilharemse as paveas,  
 não he para admirar; para admirar he humilharemse a  
 estrelas: por isso Iacob se admirou da adoração das es-  
 trellas, & não da adoração das paveas: o Principe que  
 cuida que he de semelhante dos outros homẽs, não pôde  
 ser semelhante aos bõs Princeses; o que se singularisa pela  
 magestade, não se diversifica pela natureza: não procu-  
 ramos que o Principe seja de sorte pobre, & humilde  
 que se desauthorise; bem pôde, sem se desauthorisar, se  
 humilde, & pobre: não perderão o decoro, nem a soberbia  
 os Princeses que professarão a humildade, & a po-  
 breza: a pobreza do espirito, & a humildade do coração,  
 bem pôde estar em hum Trono; com abundancia da re-  
 queza



queza, & com a exaltação da soberania, superior he a felicidade dos Príncipes à de todos os homens, porque aquelles têm mais largo campo para as virtudes que estes, sendo tão ricos podem ser mais virtuosamente pobres que todos os pobres; sendo tão soberanos, podem ser mais virtuosamente humildes que todos os humildes; quanto mais rico for o Theouro, tanto mais virtuosa será a pobreza; quanto mais imperiosa for a soberania, tanto mais louvavel será a humildade; quão agradavel será diante de Deos recolherse hum Principe consigo, & em desprezo da riqueza de sua Monarchia, ser hum Iob no espirito; quão agradavel será decer hum Principe do sublime Trono da sua Magestade, & em desprezo da sua grandeza terse como David por hum gusano da terra; que agradavel será a Deos, quando hum Principe na adoração se vê feito hum idolo como Nabuco, crer de si como Abrahão, que he statua de barro; que agradavel será quando os homens lhe dizem a original lisonja de que he hum Deos (como o Demonio dizia a Adão) terse elle por nada, como de si cuidava David! Oh Príncipes, pois tendes mais largo o campo para as virtudes que todos os homens, sejaõ a vossa Magestade, a vossa riqueza, pobreza no espirito, & humildade no coração; se quereis pelas virtudes gosar na presença de Deos as bemaventuranças, não percais da memoria estes documentos: O Principe da gloria, sendo Rei de todo o criado, não quis cousa

*algũa do universo: a Rainha do Ceo, quando hum Anjo lhe disse que seria mãe de Deos, respondeu que ali estava a escrava do Senhor; esta foi a pobreza do Principe da gloria; esta a humildade da Rainha do Ceo.*

Recolhia-se à vista das Senhoras que a servião, & tanto que ellas se ausentavão deixava o leito, & se hia para o oratorio, nelle passava a noite em oração, posta de joelhos, ou prostrada em terra, tanto, porque com a humildade se prostrava, como, porque a prostrava a mesma oração; compos hũa das palavras do Lavapes, & do Sermão da Cea muito devota, a qual relava com grande frequencia; como tinha compostos os affectos, occupavase em compor orações; como desejava ser amante, & ser humilde, para agradar a Deos, excitavase com as palavras, & com os actos de amor, & humildade do mesmo Senhor: tomava disciplinas de sangue, & o que copiosamente vertia nestes actos de sua mortificação, rubricava illustremente os finais de sua crueldade; dia da Circuncisaõ começou esta penitencia; como aquelle dia foi o primeiro em que Christo Senhor nosso verteu sangue por nós, quis que fosse o primeiro em que vertesse sangue por elle: por imitar de algum modo aquella fineza, tomou as suas cores

na mortificação: estes foraõ por muito tempo os exercicios das noutes, & trocando em desvello o somno, the o mesmo somno era desvello; se a caso descansava humanamente o corpo, vigiava cuidadosamente o coração: por força havião de fer tantas as vigílias, de quem havia de fer tanta a santidade.

Como esta taõ extraordinaria vida era a sua vida ordinaria; a experiencia a desenganou, que a grande continuação de aquelle penitente desvello havia de fer notavel damnificação da sua pouca saude, que naõ podia sustentar taõ delicada compleição austeridade taõ robusta; & porque a continua penitencia senaõ viesse a descobrir, & estorvar, buscou nova traça, para a occultar, & proseguir: industrioso he o amor divino para remover os humanos impedimentos, & facilitar os progressos santos; dà meio à virtude, para que seja mais virtuosa.

Havia no entresolho da Camera em que dormia hũa casa de focupada, nesta, como Esther, fes para si hum cubiculo secreto, mandou a Princesa fazer hũa escondida estancia; Esther occultouse no lugar superior, no inferior a Princesa, ainda parece que foi maior a sua humildade, pois foi mais profundo o seu segredo.

Acabada esta obra, a que o amor divino deu o modello, ordenou às duas Secretarias da sua penitencia, que naquella obscura casa lhe fizessem húa occulta cama, obedecerão ellas, & puserão em húa cortiça hum enxergão de estopa, & tres mantas de saco; esta era a cama de húa Princeza, & sendo esta a sua cama, julgava, que com ella esforçava a sua debelidade, & respeitava a sua indisposição; como o principal intento de seu espirito era o desvello, & não o descanso, ainda quando dispunha leito para algum alivio, o fabricava para seu tormento; assi velou as noites breves da vida, para descansar nos eternos dias da gloria.

Conhecendo que o jejum impetra virtude para a oração, & que a oração alcança graça para o jejum, fazia muitos a pão, & agoa, principalmente em todas as festas feiras do anno: nas noites destes dias senão despia, & nas mais dellas senão deitava, se nos dias se abstinha de comer, nas noites de dormir; jejuando desta sorte na abstinencia do sustento, & na abstinencia do sono; como eraõ dias dedicados à paixão de Christo Senhor nosso, jejuava em todos, fazendo de sua austeridade os dias daquella sagrada Paixão, porque não fosse conhecida esta austeridade,

dade, se foppunha indisposta, ou desjejuada, fã-  
dofe hipocrita da gulla, sò por ser observante da  
abftinencia.

Tão importante foi o jejum para o genero humano, que  
Deos o impos a noſſos primeiros Paes no Paraiſo: ſe o po-  
mo que ſe vedou foi jejum que ſe instituiu ; como deſpois  
de ſe quebrar no Paraiſo, pôde deixar de ſe observar  
no ſeculo: ſe Adão quebrando nos entregou à morte; ob-  
ſervando, nos podemos reſtituir à vida ? para ſermos ſa-  
crificios vivos, he neceſſario que ſejamos viventes morti-  
ficados: os que não forem moradores de Iasbes extenua-  
da, não podem ſer moradores da Hyerusalem Celeſte;  
quem quiſer conſeguir grandes couſas, pelos jejũs as pôde  
conſeguir; Moſes jejuando quarenta dias recebeu a lei;  
Elias jejuando o meſmo tempo escapou da morte; Daniel  
jejuando muitas Hãdomadas livrou de muitos perigos;  
Ninive jejuando na cinſa, & no cilicio, revogou a ſen-  
tença da ira divina; jejuando Iudith, & Eſther trium-  
pharaõ de Olofernes, & de Amão. Chriſto Senhor noſſo,  
ſendo omnipotente, primeiro ſes muitos jejũs, do que fiſeſ-  
ſe algũs milagres: o jejuar porém não he só abſter dos  
mantimentos, tambem he abſter dos vicios; para utilizar  
o jejum, não baſta ſer abſtamente, como ſentio Iſaias; pa-  
ra o ſantificar, he neceſſario viver inculpavel, como en-  
tendeu Ioel: quem jejuando pecca, não jejuajejuando,  
qu em

quem não pecca jejuando, jejuando, jejua; quem jejua, & pecca, não jejua, prupa: o que se não comer, não se ha de poupar, ha se de distribuir; jejuar para adquirir, he perder; quem se não poder abster dos mantimentos, pode se abster das delicias; muitos são os jejús em huã alma chea de virtudes; jejua a gula abstendose dos mantimentos regalados; jejuão os olhos abstendose das vistas curiosas; jejuão os ouvidos abstendose das palavras nocivas; jejua a lingua abstendose das praticas viciosas; jejua a alma abstendose das operaçõs voluntarias: & estas abstinencias dos sentidos são os alimētos das virtudes; se jejua a gula, & não a lingua; se jejua a lingua, & não a gula, se jejuão os olhos, & não os ouvidos; se jejuão os ouvidos, & não os olhos, alimentase a virtude, que se abstem do contrario vicio; mas desanimase a que se não abstem do vicio contrario; como o mal nasce de qualquer defeito, & o bem de toda a perfeição, basta o defeito de huã virtude para a imperfeição de huã alma; jejue a alma toda, para q̃ não sejam inoficiosos os mais jejús, se faltaõ algũs, todos os mais se reprovão; se nos dias de jejum nos não abstemos da nossa vontade, serà o jejum pena que mortifique, mas não he penitencia que aproveite: serà mortificação para o corpo, mas não tem todas as utilidades a alma; não pode haver desalumbramento igual a sentir a pena da mortificação sem toda a utilidade da penitencia, & fazer huã obra morta para a graça, q̃ a graça podia fazer vital

*vital para a gloria : não dizemos que quem não faz hum dos jejús , não faça os mais , dizemos , que faça todos , porque não fique por utilisar algum , persuadimos que jejuem todos os sentidos , porque nos abstenhamos dos vicios todos que nos abstenhamos de todos os defeitos , para que se alimentem em nós todas as virtudes ; que jejue a alma toda , para que assi venha a ser a alma santa.*

Sendo a sua conversação virtuosa, nunca o seu silencio foi ocioso; quando fallava, tratava da hõra de Deos, & da utilidade do proximo: quando não falava, cuidava na utilidade do proximo, & na hõra de Deos, com o que santificava as obras com as palavras, & os pensamentos com as obras: o sagrado de seu silencio era mental oração, em que o pensamento piedosamente elevado discorria pelos passos da paixão de Christo Senhor nosso, & devotamente contemplativo meditava nas penas da dolorosa Virgem Maria, nestas meditações se enternecia, tanto que parece, que dava aquelles passos, & sentia aquellas penas; não lhe cabendo no peito a efficacia de suas ternuras, soavaõ na vox os echos de seus gemidos, porque a pintura fosse vida da lembrança, trasia artificialmente pintados em hum painel aquelles passos, que no coração tinha vivamente eiculpidos;

dos; como estes eraõ os seus affectos, estes eraõ os seus retratos.

Porque era costume dos Princepes declararem os seus cuidados, & pensamentos por meios de divisas, & empresas, naõ se desobligando deste stillo do Paço, tomou a divisa do Ceo, nas casas nas joias, & na prata, mandou pintar, esmaltar, & esculpir hũa Coroa de Espinhos, sendo pertencida empresa de tantas Coroas, a de Christo Senhor nosso era a sua divina empresa, coroando seus santos pensamentos com os coroar cõ aquellos sagrados Espinhos: as divisas das pessoas Reaes haõ de ser santas, ou heroicas, quando naõ sejam heroicas, ou santas, arriscaõse a serem culpaveis, & indecentes, & todas as suas devem se indices insignes de seus magnanimos corações das suas insignias tomarão os Machabeos os seus renomes.

Sabendo que os exercicios da virtude, naõ aproveitão sem as obras de misericordia, haverdo lhe ensinado o seu santo spirito, que se devia dar por esmola, o que se poupar com o jejum, a jejuns continuos que fazia, mandava ajuntar continuas esmolas; dando a charidade, o que tirava ao seu dispendio; trocava a abstinencia propria em refeição alhea, com que alimentando a



sto Senhor nosso nos pobres, collocava no Ceo os seus Thesouros.

Havia naquelle tempo no Paço hum Velho, cujas moraes virtudes authorisavaõ mais suas veneraveis cãs; a este, que era seu guarda joias, fiava a Princesa as suas liberalidades; & pois se enthesourou o que se distribue, entãõ se verificou melhor, q̃ aquelle virtuoso Velho era Thesoureiro das suas riquezas, porque era o despenseiro das suas esmolas; eraõ estas taõ secretas, que as não cantavãõ as trombetas; sendo tantas, que as davaõ ambas as mãos, não sabia hũa que as dava a outra; como he misterio a esmola, escondia a esmola como misterio.

Descobrendo a sua vigilante charidade as indigencias que encobria a envergonhada virtude, occorria com o beneficio ao rogo de tal maneira, que remediava as afflicções da occulta pobreza, sem que ella padecesse o pejo das petições publicas.

A mesma charidade tinha com os Conventos, Hospitales, & Cadeas; a toda a parte aonde havia pobreza abrangião as suas distribuições; eraõ tambem ordenadas, que tinha hum livro em que estavaõ escritos os nomes, & qualidades de cada hum dos pobres; as quantias, & os tempos de

seus provimentos; & como os bẽs que se dão pe-  
lo amor de Deos, são somente os que se lograõ,  
trocando-se os temporaes em eternos; o livro de  
seus beneficos era sò o de suas rendas, aonde  
evangelicamente por hũ se multiplicavaõ ceto.

*Naõ dà Deos as riquezas, para que os ricos as des-  
perdissem, mas para que os pobres as logrem, aquelles  
são dispenseros destes, desipaõ hũs, o que negaõ aos ou-  
tros; roubaõ os facultosos tudo o que não dão aos neces-  
sitados; se os ricos são avarentos, mais necessitaõ que  
os pobres; menos logra quem não dà o que tem, que aquel-  
le, que porque o não tem, o não logra; o melhor modo de lo-  
grar he o distribuir: com as esmolas se eternisaõ as ri-  
quezas; pelas mãos dos pobres passãõ para a outra vida  
os thesouros; quem desta sorte poem o seu thesouro no Ceo  
bem pòde ter o coração no thesouro: que mais lucroso cam-  
bio, que dar o ouro, & resgatar a culpa! q' mais util mer-  
cancia, que dar esmolas, & cobrar os alentos: dando da  
riqueza que tinha, cobrou Thesbita a vida que perdera.  
para remir os peccados, se mandou a Balthesar que d'essas  
esmolas; estas utilidades da esmola não só as podem lo-  
grar os ricos, tambem as podem grangear os pobres: não  
foi de menor merecimento a pouca farinha da viuva de  
Saretha, que a grande offerta da prudente Abigail.  
Deos não olha a medida do que se dá, mas a vontade com  
que*

que se offerece: por isso estimou os dous reaes do pobre, o pucaro de agoa da Viuva: bem póde ser liberal, quem dá pouco, & avarento, quem dá muito: a boa vontade fas grande a esmola pequena; a má vontade fas nenbũa a esmola grande: perdeu Caim o sacrificio, porque o fes com má vontade; logrou o Abel, porque o fes com boa: & se he obrigação dos pobres alimentar os mais necessitados, qual será para com os pobres a obrigação dos Princepes? não ha algum que pela sua vontade não profunda muito ouro: que ração pois póde haver, para que senão troque em tanta destribuição, o que he profusão inutil? que maior prodigalidade, que perder no erario do Inferno, o que se podia lucrar no thesouro do Ceo? quem poem o ouro no erario do Inferno, servindo se delle para as obras do peccado, tiralhe o preço, porque com elle perde a salvação: quem poem o ouro no thesouro do Ceo, servindo se delle para as obras de misericordia, acrescentalhe o valor, porque ganha com elle a gloria: o ouro que se dá, para se profanar a castidade poem se no erario do Inferno; o ouro que se dá para que a castidade senão profane, poem se no thesouro do Ceo; aquelle contamina a pureza, este conserva a castidade; & se a esmola extingue o peccado, & a profusão o excita, que maior cegueira, que suscitar o peccado com o mesmo que se animaria a virtude: maior locura he esta, que fa ser da triaga peçonha, porque he fa ser mortal veneno da alma, o que podia ser vital epitima para a salvação:

ção: de enganarem-se pois os homens, & os Princeses, que sem  
 obras de misericordia, quasi são inuteis os mais actos de  
 virtude: não conseguem a piedade de Deos, quem não tem  
 lastima dos pobres; são bemaventurados os misericordio-  
 sos; os impios são precitos; os que abrião a mão para os  
 pobres, são os da mão direita; os que as fecharão para el-  
 les, são os da mão esquerda: tomem os homens, & os Prin-  
 cepes o conselho, que Tobias deu a Tobias, distribuindo  
 a riqueza pela inopia, porque não merece ver a face de  
 Deos, quem vira o rosto ao necessitado; mas não se deve  
 tirar a hũs para dar a outros; quem dà esmola do alheo,  
 põem sobre o altar o peccado; nem cuidem os que dão es-  
 molas, que podem permanecer nos vicios; os que conti-  
 nuão o peccado, não propicião os peccados; os q peccão ten-  
 do virtudes, nem por isso evitão os castigos; ainda que  
 Amasias fes muitas cousas rectas diante de Deos, fo  
 castigado por traser a sua patria os Deoses alheos; não são  
 os que tem pouco, podem dar esmola, também a podem  
 dar os que não tem nada; o dar esmola, não he só o reme-  
 diar as faltas alheas, também he emendar as alheas fal-  
 tas; não fas menor esmola, o que mata a fome ao faminto,  
 que o que cohibe o distrabimento ao vicioso: assi todos os  
 Catholicos podem ser esmoleres; todas as obras de cha-  
 ridade, feitas ao proximo são esmolas muito aceti-  
 tas a Deos.

Primeiro que se sentasse à mesa para jantar, & à noite antes de se recolher, mandava chamar este seu criado, que era o executor de suas obras pias, & sabia delle as esmolas que cada dia dera: para saber que os não perdera, se queria certificar dos em que beneficiara.

Em toda a semana Santa guardava tanto silencio, que da segunda até a quarta feira, não falava senão precisamente; desde a quarta feira até o sabbado, nem precisamente falava; como a meditação he muda, emmudecia na meditação.

Na quinta feira da mesma semana imitando a Christo Senhor nosso, assi como elle lavou os pés aos doze Discipulos, os lavava ella a doze mulheres pobres; a ternura com que meditava neste acto, fazia com que a agoa do lavapès fosse tambem sangue do coração, & assi lavavaõ as mãos, o que juntamente banha vaõ os olhos; depois de haver imitado esta profunda acção do amor de Deos, mandava dar a cada hũa das pobres hum vestido novo, & hũa esmola de dinheiro, & procurava fossem estrangeiras, que a não conhecessem, porque ignorando a sua humildade, não exaltassem a sua virtude: quem tanto fugia da vã gloria, não podia deixar de conseguir a glo-

gloria verdadeira.

A vã gloria não sò he tentação dos filhos do Diabo, tambem he tentação dos servos de Deos; não se livra dos malignos spiritos, quem senão occulta aos humanos louvores: a jaçtancia he vicio da virtude; quem se jaçta do que obra, desvanece o que sacrifica: encobrio Ionathas a David o principio da peleja, por fugir à gloria de dar principio á batalha: em vão se fas tudo, o que se fas com vaidade; para que a virtude nos não desvanecessse, nos injtruio Deos, que nos não vangloriasse; quẽ fas boas obras só para que as veção os homẽs, fas, o que fasiaõ os Fariseos; quem fas boas obras, só para que os proximos se edifiquem, segue a doutrina de Christo; os que as fasem, só para que os louvem, esses são os que as fasem, só para que se veção; os que as fasem, para que edifiquem, esses são os que as fasem, por agradarem a Deos; os primeiros procurão a propria gloria; os segundos a gloria do Senhor; os primeiros a gloria vãã; os segundos a verdadeira gloria hũs querem que os veção a elles, outros que se veção a obras: Christo Senhor nosso mandou, que lusise a lus, não que lusissem os Apostolos, que ella se visse, & que senão vissem elles; porque assi não ficavaõ elles vangloriosos, & ficava seu Eterno Pae glorificado: quem se manifesta quando obra bem quer que Deos o não veja; quem, quando obra bem se occulta, quer que o veja Deos; & não por

reça impossivel, não se ver em os bemfeitores, vendi se as  
 boas obras; quando as obras se fizesem por an or do mundo  
 manifestaõse os bemfeitores; quando as obras se fizesem  
 por amor de Deos, os bemfeitores se occultaõ: na presença  
 dos homẽs pôde estar o bemfeitor occulto, obrando por  
 amor de Deos; na ausencia dos honẽs pôde estar publi-  
 co o bemfeitor, obrando por amor do mundo; a modestia  
 faz da publicidade misterio, a vangloria faz do segredo  
 revelaçãõ: esta doutrina de occultar as obras boas, parece  
 que he contra a utilidade dos proximos, porque os priva  
 dos bõs exemplos; mas occultar as boas obras, tambem  
 pertence á boa doutrina, porque he para evitar o desva-  
 necimento; haõse de occultar, porque senaõ perca na van-  
 gloria, o que se logra na modestia: haõse de divulgar, por-  
 que no silencio senaõ perca, o que se aproveita no exem-  
 plo: as pessoas particulares podem occultar as suas obras,  
 como Judith fazia, orando no cubiculo occulto: as pessoas  
 publicas não as devem occultar, porque he necessario pa-  
 recerem santas: dos desertos foraõ os Profetas mandados  
 para as Cidades: ha se de pôr o candieiro sobre o modio,  
 porque alumie; ha de estar a Cidade sobre o monte, para  
 que senaõ esconda: esta obrigação geral das pessoas pu-  
 blicas, he mais particular dos Princeses excelsos; como  
 ao seu exemplo se compoem o seu Reino, como a sua vida  
 he a melhor censura, obrigação he lusirem em raios de  
 boas obras, para abunxiarem em resplandores de bõs exẽ-  
 plos;

*plos; obrigados são a terem todas as virtudes, mas quando as não têm, são obrigados a occultar todos os vícios; senão forem virtuosos intimamente, não sejam publicamente viciosos, assi darão exemplo, & não escandalos; aproveitarão áquelles que os julgão por bõs, & não perverterão àquelles que os havião de imitar sendo maos.*

Esta he a primeira ves que achamos escrito que as pessoas Reaes deste Reino fiserão esta piedosa acção á imitação de Christo Senhor nosso, hoje a continuaõ louvavelmente os nosso Reis, & sendo seu o louvor do progresso, a esta Santa Princeza se deve attribuir a gloria do principio; & ainda que ja se entendesse, que não merecem menos gloria os imitadores das grande obras, que os autores dellas, a Princeza nesta mereceu a maior; ella foi a primeira imitadora da acção de Christo Senhor nosso; os mais foram imitadores da sua; ella romou o exêplo do mesmo Senhor; os mais tomaraõ o exemplo della. Christo lhe deu o exemplo, & fes o que Christo fes; aos mais ella lhes deu o exemplo, & fiserão o que Christo tinha feito; sendo menos meritorio seguir a Christo, porque outrem o segue, do que seguir a Christo sò pelo seguir a elle.

Como a charidade he origem de todas as virtudes,



tudes, amandose juntamēte o proximo em Deos, & a Deos no proximo, alem das obras charitativas que fazia, remediando as afflicções dos pobres; procurava com todo o cuidado concordar os animos differentes dos seus criados; entre elles fazia observar taõ armoniosa amizade, que mandando hũs, & obedecendo outros, na regularidade do foro de cada hum, cada qual obedecia com tanto gosto, como se mandasse; cada qual mandava com tanta urbanidade, como se obedecesse, naõ sendo os domesticos inimigos hũs dos outros; porque a charidade da Princeza fazia cõ que todos fossem amigos; circumstancia era celestial a do Paço, em que a conformidade era santa.

*Sendo rasão que os Paços sejam os lugares mais fora do mundo; os lugares em que mais mundo ha, são os Paços; haver tanto mundo na Corte de Judea, fes com que tantos de seus Reis naõ entrassem na Corte do Ceo; grande bem fora que o mundo se desterrara do Paço, ou o Paço se exterminara do mundo: este desejo parece impossivel, porquẽ persuade que se viva fora da terra dentro da terra; mas he certo, que he possivel; porque dentro da terra, se póde viver fora da terra: quem vive no mundo, como na patria, vive no mundo, dentro do mundo: quem vive no mundo, como em deſterro, vive no mundo, fora do mundo:*

do: se S. Paulo vivia elle, ja não elle; bem se pôde viver no mundo, sem o mundo; aquelle que no mundo viver com Christo, aquelle em quem Christo viver no mundo, em si vive, & não em si: se David vivia no Paço, como no Ermo, bem se pôde viver no mundo como no Ceo; quem vive no proprio corpo, & se ausenta da presença de Deos, vive no mundo, como no mundo; quem vive na presença de Deos, & peregrina no proprio corpo, vive no mundo como no Ceo: Abrahão foi mandado sair da sua cognação, porque assi viviria fóra da terra: fação os Princepes, fação os aulicos Ceo ao Paço, & logo vivirão no Paço como no Ceo: & ração he, que elle o seja, pois nelle assiste o Principe da terra que substitue o Principe da gloria: justo he, que os aulicos sejam Anjos, que cerquem o Trono do Principe que substitue a Deus na terra; o Principe que não faz, que o Paço seja hum Ceo, não imita a Deos, cujo poder substitue; os aulicos, que não são como os Anjos, não seguem os domesticos de Deos, cuja assistencia imitaõ: ponhão os Princepes na mão de Deos o seu coração, & logo serão Princepes segundo o coração de Deos; pois por elle reinão, devem reinar como elle: se tem as suas veses, hão de seguir os seus dictames; para os aulicos se assemelharem aos Anjos, não se hão de assem. har aos politicos; porque os politicos valem se de Deos por pretexto, & cõ qualquer pretexto se esquecẽ de Deos; se Deos favorece a ração de estado, porque he ração, valem se de Deos:

Deos : se Deos impede a ração de estado , porquẽ não he ração, não se lembraõ de Deos : & o Paço, em que Deos he só pretexto , & em que com qualquer pretexto se deixa a Deos, não pôde ser Ceo : mas que difficullosa cousa he , ainda que o Principe procure fazer o Paço hum Ceo, que não seja hum Inferno? como pôde deixar de ser politico Inferno o lugar em que reina a emulação civil? se a emulação he tão dura como o Inferno , como pôde deixar de ser Inferno o lugar da emulação : desta culpa commua dos Paços tem mais culpa os aulicos , que os Princeses: algũas vezes procuraõ estes imitar a Deos, mas não procuraõ aquelles imitar aos Anjos : Ceofasia o Patriarcha Iacob a sua casa, mas seus filhos a procuravãõ fazer Inferno: bastou hũa tunica mais vistosamente tecida; bastou hũa exaltação mais felicemente sonhada , para que os irmãos de Iosepho procurassem matar , & o chegassem a vender: o pòr Deos os olhos no sacrificio de Abel , bastou para que Abel perdesse os alentos às mãos de Caim: imitem pois os Princeses a Deos; imitem os aulicos aos Anjos, serà o Paço Paraiso de concordia , & não Inferno de confusão.

Se a caso ElRei se dava por mal servido de algũs Vassallos, ou algũs estavam queixosos d' ElRei, a mediação da Princesa fazia que as queixas se tornassem em agradecimentos, & os desser-

viços se tivessem só por descuidos, com o que entre ElRei, & os Vassallos havia tal benevolencia, que elle os tinha por filhos, & elles o estimavão por pae; desta sorte fazia que ElRei fosse o que devia ser, & elles o que era rãsaõ que fossem: Rei que não he pae de seus Vassallos, degenera de Rei: Vassallos que não amão a seu Rei como a pae, degeneraõ de Vassallos.

Com estas obras de virtude edificava a Princesa o Reino, & nesta virtuosa edificação fabricava a universal benevolencia: como o amor activo he a maior negociaçaõ do passivo, não sendo infalivel o seguirse ao beneficio a ingratição, amando a todos com universal charidade, todos a amavão com agradecido affecto: quando os Vassallos a veneravaõ com aquella benevolencia que se tem ás pessoas Reais, & às reais virtudes, ElRei a amava com aquelle extremo, cõ que se amaõ os filhos, em que sobre os filiaes affectos concorrem as reais excellencias; assi impetivava tudo o que lhe pedia; como ella usava justamente desta indulgencia, successivamente conseguia a sua graça; com o que intercedendo ella, & concedendo elle, sem que a intercessaõ fosse indigno patrocínio dos crimes, nem a concessaõ prejudicial distribuição dos premios; dos perdoes, &  
das

das merces resultavão a ambos grandes glorias.

Se o perdão he incentivo do peccado, melhor he o castigo que o perdão; se a clemencia encontrar a justiça, será hũa virtude inimiga da outra, & logo deixará de o ser a q̄ encontrar a que o for: a clemencia não ha de sabir fóra dos termos da justiça, a justiça ha de estar dẽtro dos termos da clemencia: o damno justo de algũs he commun beneficio de todos: mais cruel he o que perdoa ao criminoso, que o que o castiga; porque o que perdoa será piedoso com hum só homem, a quem remitte a pena da culpa, mas he impio com todos os mais, a quem tira o medo da pena: mais benigno he o que castiga ao delinquente, que o que por elle intercede; porque o que castiga será severo para com hum só homem, a quem não releva do castigo do crime; porẽm he benigno com todos os mais a quem contém com o temor do castigo: quem delinquir, base de castigar: porque Rubem violou o Thalamo de Iacob foi dada a primogenitura a Joseph: hum veltar de olhos da molher de Lot contra o preceito de Deos, a converteu de molher em estatua de sal: o furto de hũa panta contra o mesmo preceito, se castigou em vinte mil vidas: a incontinnencia de Cosbi se purificou com trinta & seis mil mortes: como os homẽs temem a pena, & não a culpa, he necessario que da culpa os abstenha a pena: menor foi a de Cain, que a de Lamec; porque o primeiro cumeten o peccado,

sem

sem saber que havia castigo, o segundo não bastou saber que havia castigo, para se abster do peccado: se os criminosos não tiverão protectores, havião de ser mais os innocentes: se os indignos não tiverão intercessores, havião de ser mais os benemeritos: assi como senão devem perdoar, nem interceder pelos delitos puniveis, senão devem dar, nem interceder pelos premios não merecidos; quem intercede, ou dáos premios, a quem os não merece, dá a Datão o que se deve a Caleb; he impossivel não se tirar ao benemerito, o que se dà ao indigno: se os homēs virem que a intercessão, ou graça, basta para a boa fortuna, procurarão só, ou a graça, ou a intercessão, & farsehaõ os vicios cõ o q se deviãõ premiar as virtudes; ninguem tem por mau praticamente, o que não fas mal; ñninguem tem praticamente por bom, o que não fas bem; se os homēs virem que o vicio leva o premio da virtude, & que a virtude tem o tratamento do vicio, haõ de ter o vicio por bom, porque he util, haõ de ter a virtude por mà, porque he inutil; sem que baste para que sigão esta, porque na especulaçãõ he boa, & fugãõ áquelle, porque na especulaçãõ he mau: poucos seguirãõ a virtude per si mesma, & todos devem procurar que a sigão todos: esta doutrina de não perdoar aos criminosos, nem favorecer os indignos, parece que ensina, que os Princeses sejãõ crueis, & que não sejãõ liberaes; mas só persuade que sejãõ justos, & clementes, & que não sejãõ prodigos, nem avaros: quem quer pór o mundo no equi-

equilibrio do premio, & do castigo, quer que elle esteja em seus quicios; tirar do mundo o castigo, & o premio, despojando a justiça, em favor da graça, & reduzindo a graça o que depende da justiça, he arruinar o orbe politico, he exterminar a virtude catholica; & se ella faltar do mundo, cuidarão os homẽs que não ha Ceo: para que aquelle senão arruine, & se alcance este, se dis, que os Príncipes premeem, & castiguem, sem que a benevolencia propria, & a intercessão alhea, livre do castigo, a quem se fes reo delle com a culpa, nem de distribua o premio, a quem senão fes digno delle com o merecimento.

Logrando a Princesa esta vida santa, pois sò a que he santa se logra, principiarão os seus mortais desgostos, porque a procuração divertir de seus divinos propositos, parece que quanto mais se destinava para esposa de Christo Senhor nosso, mais a procuravaõ para sua esposa os Reis da terra: mas ella que tinha por de espinhos as Coroas do mudo, & estimava por de gloria a dos espinhos de Christo; nas dos espinhos buscou a de flores; nas do mundo fugio das dos espinhos.

Desejando El Rei de França Luis, undecimo do nome, dar digna consorte ao Delphin, Carlos seu filho unico; & sabendo pela fama, que pelo

mundo corria da Princeſa; que excediaõ as virtu-  
 des de ſeu ſpirito, ás maravilhas de ſua fermofu-  
 ra, mandou por ſeus Embaixadores tratar com  
 ElRei aquellas bodas: chegados a Lisboa, aonde  
 estava a Corte, propoferão que ElRei deſejava,  
 que a paz, que havia entre hũa, & outra Coroa,  
 ſe ſtabeleceſſe com o matrimonio entre a Prin-  
 ceſa, & o Delphin: ainda que ElRei ſabia, que  
 entre os Reinos ſaõ fragiis os vinculos do ſangue,  
 & sò indefolaveis os do intereſſe, naõ durando a  
 concordia mais, que em quanto dura a conveni-  
 encia; com tudo julgava, que naquella ſazaõ lhe  
 estava bem aquelle parenteſco, & que era util a  
 uniaõ preſente, pois naõ ameaçava de ſuniaõ fu-  
 tura; & como ſem o conſentimento da Princeſa  
 ſenaõ podia concluir aquelle tratado, lho com-  
 municou, expendendolhe as conveniencias pu-  
 blicas do Reino, & as particulares de ſua peſſoa,  
 para que ella ſe perſuadiſſe, que por hum, & ou-  
 tro bem, ſe contratavão aquellas bodas; naõ deu  
 Bathuel o conſentimento de caſar com Ifac a Re-  
 becca, ſem ſaber que Rebecca queria caſar com  
 Ifac.

Ouvio a Princeſa a pratica d'ElRei cõ aquel-  
 le ſobrefalto, & com aquella humildade, que pe-  
 dião o ſeu eſtado, & a ſua modeltia: como o pei-



to estava animado da castidade, ficou o rosto cuberto de pudor, sentindo no intimo da alma aquella proposta, que era contra o proposito da sua pureza; porém vendoselhe no rosto as rosadas cores da pudicicia, não se lhe viraõ os descolorados indicios do sobressalto, porque ella dissimulou as demonstraçoẽs que podião desagradar, não as que deviãõ comprafer, & usando de sua discrição mostrou que o ter pratica em as cousas do Ceo, não implicava com ser pratica nos negocios do mundo; antes que como do Ceo se deriva todo o bem, para determinar prudentemente hũas, he necessario saber santamente as outras, de Deos resulta serem os acertos inspiraçoẽs, & as determinaçoẽs catholicas.

Consultando a Princesa a Deos com resignação, & discorrendo no mundo com prudencia, differio a ultima resolução daquelle negocio, sò por, lhe não differir, & disse a ElRei, que faltando ao Principe idade nubil, & saude perfeita, sendo ella na sua falta, ou defeito herdeira, & successora do Reino; seria grande temeridade darlhe estado naquella sazaõ, porque todas as grandes conveniencias que nella se propunhão, ficavão contingentes a se trocarem em gravissimos damnos; que a ElRei de França ( como em semelhantes

occafiaõ se praticava ) se podia responder com palavras geraes, & agradecidas rasoẽs, com tal arte, & destresa, que nem lhe servissem de promessas, nem lhe defenganassem as esperanças; & que para a dilação serião pretextos ja sua idade, & a do Delphin, pois a deste era tenra, & a sua não adulta, nem a que se requeria para se poder governar em taõ difficultoso estado, em Reino taõ estranho.

Entendendo ElRei que por se perderem as fazoẽs opportunas, se perdem os grandes negocios, disse à Princesa, que o diferillos era arriscallos; porém ella [assistindo o Espirito Santo a seus dictames] repetio com tanta efficacia as suas rasoẽs, que elRei julgou a resolução por conveniente, & o Reino por acertada; essa qualidade tem as rasoẽs bem dadas, que uniformemente são bem aceitas.

Nesta conformidade foraõ despedidos os Embaixadores, & se eximio a Princesa daquelle casamento, sabendo porém, que o diferir não era evitar, & que ElRei havia de procurar casala, julgando pelas experiencias do mundo, que em lhe dar aquelle estado, lhe fazia lisonja, pedia a Deos o estorvasse, como quem o tinha por martyrio. Bem pudera ElRei entender da perfeita inclina-

ção da Princesa, que era muito diferente o seu desejo, que ainda que o estado do matrimonio era bom, como o da religião era o melhor, por força havia de elleger o melhor, & não se contentar sò com o bom: bom he ser casta imitando a Susana, melhor ser pura imitando a Virgem Maria.

*Quem disse, que o melhor era inimigo do bom, quis por obices a perfeição, do bom o maior amigo he o melhor, porque he o seu augmêto, nas materias do spirito, a melhora não destroe a bondade, antes a melhora: no caminho do Ceo tudo o que senão adianta, se retrocede: se Salomão proseguira, não retorcedera; se tratara da perfeição, não viciara a velhice: Christo Senhor nosso quis, que os Apostolos se graduassem nas virtudes, por isso os passou de sal da terra, a luses do mundo, de luses do mundo a Cidades postas sobre o monte: quem não fas progressos no caminho da virtude, fas regressos para a habitação do vicio; quem senão encaminha para Hyerusalem, encaminha-se para Babylonia: não está a virtude em começar, em aperfeçoar he que está a virtude; alem de que não se consegue o bom sem se intentar o melhor: como a fragilidade humana emprende mais, & comprehende menos; para conseguir a bondade, importa muito intentar a perfeição: Christo Senhor nosso disse aos seus Apostolos, que fos-*

sem perfeitos como seu Pae, para que intentando a perfeição, conseguissem a santidade: para que o effeito seja bõ, he necessario, que o affecto seja perfeitissimo: quem quer melhorar a boa saude do corpo, põe-se a risco de destruir com a saude que procura, a bondade que logra; quem quer melhorar a saude da alma, acrescenta sem risco, a bondade que logra com a melhoria que procura; quem trata da santidade da vida, não se satisfas só da bondade do procedimento, só da perfeição se satisfas; do bom ao perfeito vai hũa grande distancia, não chegando nunca aos extremos da perfeição, quem se contenta entre os lemites da bondade: Caim q era imperfeito, contentouse cõ fazer sacrificio a Deos somente dos frutos da terra; Abel, que procurava ser perfeito, não se contentou senão com fazer sacrificio com os primogenitos do rebanho; aquelle satisfes á obrigação do sacrificio com a inferioridade da offerta, este acrescentou á obrigação da offerta a excellencia do sacrificio; o primeiro tratou de obedecer não de agradar; o segundo de agradar, & obedecer; hum tratou dos preceitos, como de violencias; outro dos conselhos, como de obrigações; melhor he satisfaser aos preceitos, que sacrificar aos conselhos; porém maior perfeição he sacrificar aos conselhos sobre obedecer aos preceitos; quem obedece aos preceitos, sem se sacrificar aos conselhos, satisfas á sua divida; quem se sacrifica aos conselhos sobre obedecer aos preceitos, fas mais que à sua

sua obrigação; & nas obras que subroga, vem a lograr o agrado que procura: mais se louvou ao Pae de familias o dar o vestido, que o dividir a fazenda; porque a divisaõ era dividida, o vestido era dadaiva; com a divisaõ procurava satisfazer; com a dadaiva procurava agradar; assy por satisfazer as obrigações devidas, & por chegar às perfeições aconselhadas, não só se hão de observar os preceitos, mas tãẽ se hão de executar os conselhos; quẽ guarda somente os preceitos, vai ao môte buscar a caça q se offerecer, & se senão offerecer, póde ficar o pae sem alimento; quẽ sobre guardar os preceitos, segue os conselhos, vai ao rebanho, & tras os cabritos, que não podem ser melhores, sem ficar o alimento do pae em contingencia; quem só faz o que lhe mandão, faz o bom; quem faz o que lhe aconselhão, faz o melhor: o primeiro faz o que fez Esau, mandado por Isaac; o segundo faz o que fez Jacob, aconselhado por Rebecca: melhor he imitar a Jacob, que a Esau, não só satisfazendo aos preceitos, mas seguindo aos conselhos, tratando não só de ser bom, mas de ser perfeito; porque aos graos da perfeição hão de corresponder os da gloria.

Parece que quis Deos, q ElRei se enganasse, para q a Princesa merecesse, & temendo ella, o q elle desejava não cessou de se prevenir, para o evitar, dirigindo a Deos os seus rogos, para conseguir seus intentos; foi elle servido abriulhe camin-  
nho

nho para fugir dos laberintos do mundo, & fazer grandes progressos na estrada do Ceo: mas como não podemos proseguir estes escritos sem recorrer a principios diversos, lançando primeiro profundamente os alicerces desta narraçãõ, para que sobre elles se levante firmemente a fabrica desta historia, havemos de escrever a fundação do Cõvento de JESU de Aveiro, porque he grande parte da edificação desta Princeza.

Governando os Reinos, & Senhorios de Portugal, pela menoridade de ElRei Dom Affonso o quinto; seu thio, & sogro o Infante Dom Pedro, cuja heroica vida, & infausta morte foraõ admiração, & lastima do mundo; se criava em casa da Infante Dona Isabel hũa minina de qualidade conhecida, chamada Brittes Leitoa, a quem os Infantes, por sua virtuosa inclinação, pela nobreza do seu sangue, pelo prestimo de seu serviço, amavão com o affecto devido a seu grande merecimento: servia no mesmo tempo ao Infante Diogo de Ataide, mancebo fidalgo da illustre Familia de seu appellido, & lhe era muito aceito, porque sendo sciente nas humanas letras, versado nas estranhas lingoas, tinha dado na paz, & na guerra grandes mostras de cortesaõ, & de soldado.

Destes criados se devem servir Princepes, porque estes são os que os servem a elles: no servir aos Princepes ha bũa grande equivocação, todos dizem que os servem, & muitos não fazem mais que servir-se delles: quem serve ao Principe, com a primeira intenção do zelo, esse he quem o serve; quem serve ao Principe só cõ a tenção do melhoramento, esse he quem se serve delle: o primeiro he como David, servindo a Saul; o segundo, como Architofel, servindo a Absalão; & de nenhũa maneira se devem servir os Princepes dos Vassallos que se servem delles: quem serve aos Princepes, juralhe a Magestade; quem se serve delles negalhe a soberania; & não pôde ser benemerito, quem profana a soberania, devendo condecorar a Magestade, senão são benemeritos dos Princepes os que desta sorte os procurão servir; que serão os que de toda os procuram dominar: o vassallo que procura dominar o seu Principe, diz que o Principe he para vassallo, & elle para Principe: o Principe que se deixa dominar do vassallo, confessa que o vassallo he para Principe, elle para vassallo; & nenhum Principe deve consentir, que a Magestade se troque em vassallagem, nem a vassallagem em Magestade: assi como a maior dignidade he ser Principe, a maior indignidade he deixar de o ser: desauthorisa o Trono quem obedece à valia: tanto que Seano pos a sua Statua no senado, logo no senado ficou desauthorisado Tiberio: se Cesar, & Pompeo não sendo Princepes,

pes, não consentirão iguaes, como hão os Príncipes de consentir superiores; não deve ter superior, quem a todos he eminente; hão de governar com os Ministros, mas não hão de ser governados por elles: Ioseph, Mardocheu, Daniel, Iob, Zabud, não forão primeiros ministros de Pharaó: Assuero, Balthesar, David, & Salamão, governarão com elles, não governarão por elles: vai grande differença de terem os Príncipes ministros que com elles governem, a terem ministros que os governem sem elles: o Príncipe que se sogeita anichilase: está vestido de purpura, & despido de authoridade; não importa que tenha a Coroa na cabeça, se tem no coração os grilhões: terá o nome de Rei, mas não he Rei de nome: aquelle terá a essencia em quem se transferir o dominio; & he certo, que não pôde transferir em outremo poder que nelle transferio o povo: hum Príncipe dependente, & hum Ministro independente, são dous monstros reaes; & não pôde haver mais monstruosa inormidade, que hum Príncipe menos que Príncipe, & hum Ministro mais que Ministro: o Príncipe he sol, não sombra, desluzirse ha se se fiser sombra sendo sol: os Príncipes hão de faser sombra aos Vassallos que os abrigue: os Vassallos não hão de faser sombra aos Príncipes que os assombre: se os Vassallos assombrarem os Príncipes, por força hão de escurecer as Magestades: faser o Príncipe anel, & o Valido diamante, he dar maior preço ao Valido, que ao Príncipe; & quem fas maior estimação daquelle,



quelle, fas hũa grande injuria a este:naõ disemos que os Princeses naõ authorisem os seus Ministros, disemos que senaõ desauthorisem de Princeses; que senaõ ponha o poder aonde se pos o amor; porque bem podem ser dignos do amor, os que naõ são capazes do poder:bem se pôde pôr o amor em hũs, & o poder em outros: S. Ioaõ era o dilecto; porêm S. Pedro foi o Vigairo; reclinandose o primeiro sobre o peito de Christo, o segundo foi o que teve as chaves do Ceo; hum logrou as inclinações, o outro as veses: daqui se poderà arguir, que a hum se podem ellas fiar; disemos que si se for como S. Pedro; mas he certo, que senaõ podem fiar de hum, porque naõ ha vallido Santo: se se dis que o Principe deve ter primeiro Ministro, porque só naõ pôde governar, sendo o primeiro Ministro só o que governa, concludentemente se mostra, que hum pôde mandar só; & ainda que aquelle naõ fora Rei unico, & só fora segundo Rei, era impracticavel, duas cabeças em hum corpo, dous soes em hum Ceo, dous Reis em hum Reino, são incompativeis: o Rei ha de ser unico, por unidade, & por excellencia; os Ministros sufficientes no numero, & singulares na capacidade; por muitos, exercitase mais facilmente o poder; dividido em muitos, he menos em cada hum: precepitese aquelle que se quiser assemelhar ao altissimo; para os luciferes da valia se fes o Inferno da indignação.

Vendo os Infantes as partes daquelle Fidalgo, & daquelle Senhora, julgarão que cada qual era digno consorte hum do outro, porque da semelhança de suas virtudes havia de resultar a cõformidade de seus animos; & como ella não estava em idade nubil, contratarão o casamento, & ficaraõ continuando o serviço.

Estando este negocio nestes termos faltou Diogo de Ataide do Paço, & sendo buscado pelo amor dos parentes, pela diligencia dos amigos, por ordem dos Infantes, não foi descoberto; athe que passados algũs dias, se soube que fugira da inquietação do Seculo para o socego da Religião; & que no Convento de S. Domingos de Bemfica tomara o habito daquelle glorioso Patriarcha, & estava com animo taõ socegado, como quem livre da tormenta do mar, se via surto na tranquillidade do porto.

Vieraõ os parentes, & os amigos a persuadillo que deixasse a Religião, & tornasse para o Seculo; elle porém, que desejava buscar o Ceo, não por intrincados laberinthos, mas por vias expeditas, desestimou as praticas da persuasão, como tetações da perversidade, vendo se que persistia no que intentava, os que o não puderão persuadir, trataraõ de o violentar, & se valeraõ da authoridade

dade do Infante; & este com o rogo, que obra tanto, como o poder, ou com o poder, que não necessita de rogo, tomando por pertexto o casamento, obrigou aos Religiosos a que lhe despissem o habito; & a elle, que em breve tempo recebesse a Esposa.

Depois de recebidos, deu o Infante a Diogo de Ataide o officio de Guardamor da Infante, com o que ficaraõ vivendo com authoridade, & sem pobreza, & prosperou Deos aquelle matrimonio (que se podia temer infelice) com nascerem delle dous filhos, & duas filhas, que foraõ dignos frutos da bençaõ de seus paes: muitas vezes troca a providencia Divina os successos que teme a especulaçaõ humana: as virtudes com que se emmendaõ os erros servem de indulgencia, para que se dimitaõ os castigos.

Andados os tempos, morreu o Infante infelizmente na batalha de Alfarrobeira, aonde vencerãõ as armas que injustamente se vestiraõ, & sempre seriaõ injustas quaisquer que fossem vencedoras: a morte do Infante consumio á Infante sua molher a vida, & ficou desacomodado Diogo de Ataide; & ainda que El Rei o queria tomar em seu serviço, elle defenganado do mundo nos tragicos successos do Infante, não quis viver na

Corte, tinha seguido a fortuna do Principe morto, & vencido, ainda que licitamente o podera fazer, não quis seguir a do Principe vivo, & triumphante.

Na Corte ordinariamente se segue o Sol que nasce, & raras vezes ao que morre: tanto que Saul se acabou de ferir, veio o filho de Doeg, que elle o acabara de matar, quis ter parte na morte de Saul, por ter parte no Reinado de David, mas foi sacrificio da indignação de David, porque se jactou de ser homicida da Magestade de Saul: raras são os homens, que sigão quaiquer fortunas: the Christo Senhor nosso foi seguido de longe, depois que foi mais perseguido dos Iudeus: não só desemparaõ os Vassallos os Princeses, tambem os Princeses desemparaõ os Vassallos: hũs os seguem na sua mã fortuna, & a sua boa fortuna segue a outros: às vezes não logrãõ a boa, os que seguirãõ a má: às vezes os que não seguirãõ a má, lograõ a boa: maior premio tiverãõ os que desempararãõ a Luis Undecimo na batalha de Monleri, que os que o acompanharaõ no aperto do conflicto: isto nasce de que os Princeses tem por acção mais gloriosa beneficiar os offensores, do que remunerar os benemeritos: porque o beneficio que cae sobre a offensa, realça a generosidade; a remuneração que succede ao merecimento, desempenha a divida; & a Magestade antes quer parecer livre, que empenhada: bastará beneficiar as offensas, sem deixar de agradecer

os beneficios: perdoou Moyses a Maria que o n. murmurava, mas não desfavoreceu David a Sadoch, que o servira; havendo de agradecer as offensas, ou remunerar os beneficios, primeiro está a remuneração destes, que o agradecimento daquelles: perdoar, & não agradecer, he virtude não virtuosa: perdoar, & agradecer, he virtuosa virtude: para as gratificações instuio Deos as neome-nias: tanto ama as demonstrações do agradecimento, que se mandou levantar padroões do beneficio: as pedras que Iosué erigio depois da passagem do Jordão, serão monumentos do passo livre que lhe derão as ondas, tanto detesta a ingratitude, q. quis destruir o povo de Israel, porque foi ingrato a Moyses: bem está, que os Princeses esqueçam, & beneficiem os agravos, mas não lhes está bem q. esqueçam, & castiguem os beneficios; não castigar, antes beneficiar as offensas, he clemencia liberalmente generosa; não remunerar, antes castigar os beneficios, he indecencia extremamente ingrata; a primeira usou David com Saul, a segunda Saul com David: o primeiro deu a vida a Saül que lhe queria dar a morte, o segundo quis dar a morte a David, que lhe tinha dado a vida: o primeiro foi generosamente piedoso, & manifestamente liberal: o segundo indignamente ingrato, & extremamente desagradecido; & não devem os Princeses ser desagradecidos, nem ingratos: os que remunerão as offensas, são como a terra, que fructifica a quem a rompe; os que não agrade-  
decem

decem os beneficios, são como os que liquidão os alentos da suavidade, & despreção os cadaveres das flores: os que castigão o merecimento são como as flammias, que consomem a quem as alimenta; quem senão lembra, he ingrato; quem castiga, he desagradecido; a primeira ingratidão he negativa do premio, a segunda he positiva do agravo; não pagar prejudica ao interesse, injuriar prejudica ao credito; os amigos do interesse sentirão a ingratidão, que lhes nega a utilidade; os amigos do credito sentem a ingratidão que lhes tira a honra, & por força ha de estar mal aos Princepes, injuriar, & não premiar a seus Vasallos: & assi esquecendo, & remunerando os agravos generosamente, não devem ingratamente esquecer, & castigar os beneficios: porque são mais obrigados a serem agradecidos que clementes: a clemencia he virtude, que respeita aos maos; a ingratidão he vicio, que offende os bõs: & melhor he não terem os maos que agradecer, do que terem os bõs de que se queixar, principalmente sendo axioma certo, que os Princepes devem ser bõs para com os bõs, & maos para com os maos: o Principe que he mau para com os maos, & bom para com os bõs, he bom Principe.

Como se resolveu em deixar a Corte, tratou de buscar a solidão, & fazer nella a vida retirada, que ja procurara na religiosa, convindo a sua  
espo-

esposa na mesma resolução, porque era mui conforme com o seu espirito ; & como facilmente se executa o que efficazmente se deſeja, poſeraõ em execução o intento, & ſe foraõ para hũa quinta ſua diſtante duas legoas da villa de Aveiro, entendendo que as diſtancias dos povoados eraõ mais ſeguras habitaçoẽs de Deos.

Deſterrados neste ſitio , ou enterrados nesta ſepultura , faſiaõ vida eremitica ; cultivavãõ os campos para colherem os frutos da terra, & muito mais as almas para colherem os do Ceo ; mais util he eſte culto, que aquella cultura, porque ella fructifica os bẽs temporaes, elle os eternos.

No meio deſta vida ſanta chamou Deos a Diogo de Ataide para a glorioſa; batendolhe às portas do corpo a enfermidade, elle as abriu ſem trepidaçoã à morte : ficou a ſaudosa viuva com dous filhos, & duas filhas, & não mais que vinte & ſette annos ; os dotes de ſua virtude, & os de ſua riqueza, fiſeraõ, que antes de enxutas as primeiras lagrimas a procuraſſem para as ſegundas bodas ; & a Rainha tomandolhe a filha mais velha para minina ſua, a perſuadio a que naquella idade não permanecesse naquelle eſtado ; ſem duvida lhe daria raçoẽs dignas de quem as dava; porẽm ella conhecendo, que paſſa, como ſombra  
vãa,

vãa a humana felicidade, & que ainda que era licito o segundo vinculo, era mais louvavel a liberdade casta, entregue á saudosa memoria do defunto marido, em cuja breve sepultura havia enterrado todo o humano contentamento, se resolveu não podendo florescer na pureza de donzela, permanecer na castidade de viuva; & com esta resolução se ficou encerrada na sua quinta, vivendo religiosamente no mundo, a que santamente havia de viver na religião.

Corria por quatro annos que esta virtuosa Senhora continuava esta particular vida; & porque ella fosse mais perfeita, a communicou com o Padre Fr. João de Guimaraes religioso Dominico, Prior q̄ então era do cõvento de N. S<sup>a</sup>. da Misericordia da villa de Aveiro, grãde letrado, & pregador; & sobre tudo taõ virtuoso, que pela excellencia de seu espirito, era chamado o Padre Angelico; confessouse com elle, & dandolhe conta de sua alma, lhe pediu conselho sobre sua vida, conhecendo elle, que era maior que obrado de sua fama a essencia de sua virtude, a aconselhou, que deixasse o campo, & se fosse para a villa; porque ouvindo, & guardando a palavra de Deos, consegueria a bemaventurança que elle promete a quem a ouve, & guarda; & fructificando em sua



sua alma, colheria mais fasonados os fructos della, & que, pois tinha tomado a Virgem Nossa Senhora por Padroeira, & Mestra da sua virtude, se fizesse sua vizinha, na sua casa, que tinha a invocação da Misericordia; se o bem se consegue pela vizinhança do bem; sancta havia de ser a assistencia, que tinha vizinhança tão sancta.

Não tomou ella logo este conselho, porque o quis primeiro consultar com Deos; porém passados poucos dias o aceitou, devia entender, que era vontade do Senhor, o que era dictame daquelle espirito: assi lhe deu ordem, para que comprasse junto à casa da Virgem Maria Nossa Senhora da Villa de Aveiro algum sitio, em que se fabricasse o recolhimento; fesse assi, & como a fabrica era pequena, & a diligencia muita, no anno seguinte se pos o edificio em sua perfeição, admirandose em hũa humilde architettura, hum mosteiro breve, acomodadas todas as pessoas de sua obrigação, se passou pera elle a fundadora com suas duas filhas, Dona Catherina, & Dona Maria, & hũa criada de muitos annos, & não de menos virtude; depois que com esta familia se encerrou nesta clausura, nunca mais suas filhas lhe chamáraõ mae, nem ella as nomeou por filhas, nem estas entre si irmãas, por fazerem todas

as obras de charidade em o Senhor, se esquecê-  
rão dos nomes da natureza, & se té aquelle tem-  
po viviaõ no campo, como no ermo, desde enttão  
viveraõ no ermo, dentro do povoado.

A fama da sancta vida que fazião naquella li-  
vre clausura, voou por todo o Reino, desorte que  
era procurada por diversas pessoas para inclaus-  
tarem nella a liberdade; recusou esta senhora ao  
principio recolher consigo outras, porque julga-  
va, que entre muitas, era mui contingente a rela-  
xação, & entre poucas mais facil a observancia:  
porém passados alguns dias, ou por inspiração de  
Deos, ou por respeito da pessoa, aceitou Dona  
Mecia Pereira, irmãa de Rui Pereira, chamado  
Conde de Moncorvo, a qual sendo muito moça,  
ficou viuva de Martim Mendes de Berredo, que  
falecera Embaixador em França, & como teve  
particular vocação, para deixar o seculo, breve-  
mente foi chamada do seculo para o Ceo.

Estando esta Senhora hum dia resando o Psal-  
mo, *Misericordias Domini*, chegando ao verso *quis*  
*est homo, qui vivit,* & entendendo, que não havia  
vida, que não visse a morte, determinou, para ver  
sem trepidação a morte, passar na Religião a vi-  
da, meditando no que lia, se desenganou, no que  
meditava; ficando herdeira de muita fazenda, &

sendo dotada 'de admiravel fermosura, contra a vontade de seus parentes, fazendo sacrificios destes dotes a Deos, fes os da fortuna, & da natureza de melhor natureza, & de maior fortuna.

Levou consigo duas companheiras de muito respeito, & de igual espirito, & ainda que o numero das pessoas crescendo estreitava mais a estreiteza da casa, ocupando oito, o que só se fabricara para quatro; a vida, & o aperto, que cada húa se fazia, dava lugar a que coubesse cadaqual. E Dona Mecia retribuindo piedosamente a Deos, o q̄ elle largamente lhe dera, cõprou outro sitio, em q̄ sem relaxar os apertos da vida, a largasse os termos de reclusãõ; & assi succedeu; porque sendo no edificio a clausura mais larga, era na edificaçaõ mais estreita, no maior numero das pessoas, era maior a observancia das virtudes; naõ só por serem mais as observantes, mas porq̄ cadaqual das virtudes era mais observada.

Vestiraõse todas sem diferença húas das outras, no habito de S. Domingos, com saias brancas, & mantilhas negras de grosseiros panos, vendose na grosseria de seus vestidos, as finesas de suas almas: assi viviaõ, como se aquella Congregaçaõ fosse húa Communidade, regularmente ordenada, ou Gonvento religiosamente regido; se-  
gnindo

guindo taõ uniformemente em hum, o que se fazia no outro, que o mesmo fino, que chamava os Religiosos, para as acçoens da Religiaõ, chamava tambem as Recolhidas, para os actos da Comunidade; mas como saiaõ duas vezes no dia à Igreja do Convento aos officios divinos, ainda que naõ passavaõ mais, que a largura de hũa rua, ordenaraõ no Recolhimento hũa decente Capella; a onde os Religiosos lhe fossem dizer Missa: deraõ de tudo conta ao Angelico Padre, & elle, antes de lhe responder, as admoestou, que pedissem ao Spirito Sancto, & á Virgem Senhora Nossa, lhes inspirasse a fórma de vida, que haviaõ de seguir, para maior serviço de Deos, & maior aproveitamento de suas almas; & que elle, com os mais Religiosos, diriaõ Missa pella mesma tenção: finalmente, feitos muitos sacrificios, oraçoens, jejũns, & vigalias, como Deos inspira sempre, a quem o consulta, entendeu o Angelico Padre, que o que entaõ era Recolhimento honesto, fosse Convento religioso; & dando a Deos muitas graças, & ás Religiosas muitas louvores, lhes disse, que aquelle mudo de vida, ainda que virtuoso, naõ era permanente; porque onde naõ havia vinculo de Religiaõ, faltava a segurança da stabellidade; & que aquella Congregaçaõ estava fogeita a perigos de calumnia,

calumnia, ou a erros da doutrina, & lhes convinha, não só ter Cappella, em que celebrassem os officios divinos, mas Conventos em que fizessem os votos Religiosos; consagrando a Deos solemmentē os corpos, & as almas.

*Grande he a felicidade de hum espirito, que buscando a Deos, acha hum espirito de Deos, que o encaminhe; quantas almas se perderão na larga estrada da morte; porque não ouve quem as dirigisse pello estreito caminho da vida: a humildade mal encaminhada, ordinariamente se segue o desvanecimento presumptuoso; se a virtude louvada cresce, o virtuoso louvado periga; quem louva as virtudes, persuade aos virtuosos que as tenham; quem louva os virtuosos, poemnos a risco de que se desvanecaõ: haõse de louvar as virtudes, mas não se haõ de dizer que se têm: crendo Iacob que era verdade o sonho de Joseph, lhe disse, que o tivesse por mentira; tiroulhe a fe, por lhe tirar o desvanecimento: para que as almas sejam sanctas, haõ de crer, que são peccadoras; assi como o demonio procura perverter as boas obras com a vangloria; assi os mestres de espirito devem procurar que se estabeleçaõ com a humildade: Christo Senhor nosso fazendo milagres, & pedindo segredos, parece, que ensinou, que haviaõ de ser segredos os milagres, quem os devulga, tem contra si a presumpçaõ, de que os finge: pois o Anjo*

de lus se converte em Anjo de Satanas ; não se distin-  
gue facilmente , se o Anjo he de Satanas , ou he de lus ;  
nem os mestres de spirito haõ de calificar os milagres , nẽ  
as almas haõ de de presumir os favores : quem tem por  
realidades as apparencias , pelas apparencias , perde as  
realidades : por não deixar de ser Precursor, não quis o  
Baptista ser tido por Messias ; por não deixar de ser  
Israelita, não quis Moisés ser reputado por neto de Pha-  
raõ ; de grande importancia he em todos os estados da vi-  
da humana , a eleição dos mestres do spirito: se para to-  
da a magnifacçã se busca o melhor artifice, ração he, que  
para o remedio spiritual, se busque o melhor medico; não  
sõ em quẽ concorrã todas as virtudes , mas em quem se  
admirem todas as capacidades ; certo he , que a melhor  
doutrina, necessita do melhor mestre ; como o corpo peleja  
humanamente contra o spirito, he necessario, quem ensine  
a pelear sanctamente o spirito contra o corpo ; não basta,  
que os mestres ensinem em geral a seguir as virtudes, &  
a fugir dos vicios ; he necessario , que ensinem em parti-  
cular, como se ha de fugir dos vicios , & se haõ de seguir  
as virtudes; não só haõ de dizer, que consiste na persecu-  
ção, & na fuga, mas como se ha de fazer a fuga, & a  
persecução ; quem não dis o que he virtude , para que se  
siga, não importa que diga, que se siga a virtude ; quem  
não dis o que he vicio, para que se emende, pouco importa  
que diga, que do vicio se fuja . Não fallou a David no

adulterio de Bersabet, & no homicidio de Urias; bem pôde hũa alma fazer hũa impiedade, a vitulo de piedade; quando cuida, que faz acção de piedade, procura seguir a virtude; & assi faz actos de impiedade, he porque não sabe, como a virtude se ha de seguir; quem tem que dar esmolas, não deve, como Nabuco, fazer statuas, quem dá esmolas, tendo que pagar dividas, quem faz grandezas, tendo que dar esmolas, faz hũa acção injusta, que parece piedosa; faz hũa acção, que parece generosa, & he injusta; mas para isto são os Mestres do spirito, hão de ensinar, que senão deixem de pagar as dividas, para se darem esmolas, & que se dê em esmolas, o que se desperdiça nas grandezas; porque assi ensinão, não só a seguir as virtudes, mas como as virtudes se hão de seguir, & essa he a verdadeira doutrina; para nos ensinar a fugir do peccado he necessario quem nos ensine; como havemos de servir a Deos, quando o demonio diz, que o adoremos; oraculos spirituaes devem ser aquelles, a quem como a Deos se dizem as culpas, & pedem os conselhos; os juizes de Iosaphat não executarão o juizo de homens, mas o de Deos, em tudo ha de ser Eliseu, quem cuver de curar a lepra de Naamão.

Foi este prudente conselho ouvido de todos, como inspiração divina, & assi propozerão de o por em execução; porém como não ha obra, que  
 não

não tenha infelix encontro, ou porque a malicia lhe fas opposição, ou porque a providencia lhe exprimenta a constancia, & nunca falta com que impugnar o que senão quer conceder, foi contradito este piedoso intento, cõ pretextos politicos, impugnandoos os Ministros reaes, o Bispo de Coimbra, & os Clerigos da villa; alem destas opposições cresciaõ as dificuldades de se haver de recorrer ao Summo Pontifice; & ao Geral da Ordem, para que feito o Convento, o recebessem na obediencia; todos estes dilatados impedimentos vencêraõ as virtuosas matronas, com paciencia sancta, tè que alcançáraõ de Deos o q̃ lhes impediaõ os homẽs: facilita o Senhor as boas obras, que os homẽs difficultaõ; o seu particular favor assiste cõ maior auxilio, a quẽ cõ maior desamparo procura a sua divina providencia; não tendo o paralitico homẽ para chegar á probatica piscina, teve a Deos para lhe dar iãude perfeita.

Alhanadas as dificuldades, expedido o breve do Pontifice, & concedida licença pello Geral, deraõ a Deos graças de lhes conceder, o que lhe pediã, sendo agradecimentos, o que té entãõ forãõ rogos; quem justificadamente roga, sanctamente agradece. Tratando da fabrica do Convento, resolverãõ alargar as officinas, levantar a Igreja,



Igreja, sem mudar de sitio ; justamente deixaraõ de mudar os alicerces, em que se tinhaõ edificado as virtudes.

Teve ElRey Dom Affonso o Quinto ( que naquella fazãõ estava em Coimbra ) esta noticia, & per instinto celestial, quis honrar com sua assistencia a obra, q se erigia, para a gloria de Deos pondo em effeito a real determinaçaõ, foi àquella villa, aonde com paternal afabilidade, visitou as virtuosas Recolhidas, & louvandolhes seus piedosos intentos, lhes offereceu seus reaes favores, começando o fundamento delles, em querer lançar por sua mão a primeira pedra no alicerce do edificio . Se Michol se indignou de David dançar diante da Arca do testamento, nenhum Princepe se deve indignar de servir na Casa de Deos.

Em hum dia que toda a Corte festejava, por ser o em que ElRei fazia annos, o fes elle religiosamente fausto, em assistir piedosamente áquella cerimonia; a pedra que lançou no alicerce, foi o calculo mais branco, com que se signalou aquelle dia; no em que fes annos a vida, fes hũa acçaõ para as eternidades da fama.

Depois do Bispo de Coimbra Dom Joaõ Galvão, primeiro Conde de Arganil haver dito Mis-

sa de Pontifical, foi ElRei acompanhado de toda a Corte ao lugar destinado, & fahendo catholico hum rito gentilico, lançou no alicerce hũa dobra de ouro, que então era a moeda mais preciosa, & tomando por hũa parte hũa bem lavrada pedra, & o Bispo pella outra, foi sentada pela fundamental de aquelle edificio, & nella fabricou ElRei hũa tão grande obra de piedade, que tendo o principio debaixo da terra, chega a exaltar-se sobre as estrellas; ao Ceo chegaõ todas as fabricas, que a Deos se edificão.

Foi fama, que acabada a cerimonia dissera ElRei, ou em satisfação do que tinha feito, ou em desculpa do que se lhe tinha calumniado; possível ferã, que ainda este Mosteiro venha a ser cousa minha. Dahi a doze annos recolhendo-se a Princeza se vio, que fora vaticinio, ou profecia o que ElRey dissera, por acaso, ou satisfação; da mesma forte, que Michol repreendeu a David dançar diante da Arca do testamento, estranha-raõ a ElRey assistir á fundação da Casa de Deos.

*Assi como não ha crime, q̄ não tenha advogado, não ha virtude, que não tenha detractor: os que advoga-raõ pella liberdade de Barrabas, condenáraõ a Sanctidade de Christo*